

FRANCISCO DE ASSIS CIPRIANO

EDUCAÇÃO SALESIANA NO CONTEXTO ATUAL



FRANCISCO DE ASSIS CIPRIANO

EDUCAÇÃO SALESIANA NO CONTEXTO ATUAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação
Orientadora: Ruth Pavan

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE – MS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Mourâmise de Moura Viana - CRB-1 3360

C577e Cipriano, Francisco de Assis
Educação Salesiana no contexto atual/ Francisco de
Assis Cipriano sob orientação da Profa. Dra. Ruth
Pavan.-- Campo Grande, MS : 2025.
100 p.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade
Católica Dom Bosco, Campo Grande - MS, 2025
Bibliografia: p. 80-84

1. Bosco, João - Santo, 1815-1888. 2. Educação Salesiana.
3. Ensino fundamental. 4. Docência I.Pavan, Ruth.
II. Título.

CDD: 370.52

“EDUCAÇÃO SALESIANA NO CONTEXTO ATUAL”

FRANCISCO DE ASSIS CIPRIANO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Ruth Pavan (PPGE/UCDB) Orientadora e Presidente da Banca


Ruth Pavan

Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes (PPGE/UNIPAMPA) Examinador Externo


Lúcio Jorge Hammes

Profa. Dra. Marta Regina Brostolin. (PPGE/UCDB) Examinadora Interna


Marta Regina Brostolin

Campo Grande/MS, 18 de fevereiro de 2025.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO E DOUTORADO

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os educadores e educadoras que acreditam e trabalham para uma educação mais humanizadora que acredita em cada educando ao encontrar pelos pátios da vida.

AGRADECIMENTOS

A construção de um trabalho não se realiza sozinho. Existe um conjunto de pessoas e fatores em que vão contribuindo para a sua realização. Agradeço em primeiro lugar a Deus por conceder a oportunidade de chegar aqui na realização de mais uma conquista.

Agradeço também à minha família, aos meus pais e irmãs que estão sempre comigo em todos os momentos. Vocês são o meu porto seguro, uma verdadeira casa onde o coração se encontra, se sente muito bem, feliz.

À minha orientadora, Professora Dr.^a Ruth Pavan, pelo acompanhamento, pela orientação, dedicação, seriedade em guiar cada passo desta pesquisa. Sua humildade e sua sabedoria alicerçaram esta pesquisa. O seu amor pela Educação e por acreditar em cada educando é essencial na caminhada pelo ensino. Sou eternamente grato.

Aos amigos e amigas do Mestrado e Doutorado, pelo caminhar juntos, pelas partilhas, por enriquecer os encontros com tantas experiências e vivências. Aos professores e professoras do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco, pela sabedoria, pelas partilhas de vida, por doar sua vida na formação de novos cidadãos. Levarei comigo um pouquinho de cada um de vocês.

À Inspetoria da minha origem salesiana: São João Bosco pelo apoio, dedicação e incentivo na pessoa do Inspetor Padre Natale Vitali Forte. À Inspetoria Santo Afonso Maria de Ligório onde realizei o Mestrado pela acolhida, apoio, dedicação na pessoa do Inspetor Padre Ricardo Carlos.

Agradeço à minha comunidade do pós-noviciado: o Instituto São Vicente, os Salesianos formadores e os salesianos em formação inicial, pela caminhada juntos, por tantas partilhas e enriquecimento na missão salesiana junto aos jovens.

Em uma palavra: obrigado! Agradecer é próprio do coração que ama.

CIPRIANO, Francisco de Assis. **Educação salesiana no contexto atual**. Campo Grande, 2025. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco – UCDB.

RESUMO

Esta dissertação tem como tema “Educação salesiana no contexto atual” e está vinculada à Linha de Pesquisa Práticas Pedagógicas e suas Relações com a Formação Docente, do Programa de Pós-graduação – Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Tem como objetivo geral analisar a concepção de educação dos professores dos anos finais do Ensino Fundamental da Educação Básica de uma escola salesiana. Os objetivos específicos são: a) historicizar a educação salesiana no Brasil; b) identificar especificidades da educação salesiana; c) compreender se o pensamento de Dom Bosco está presente nas concepções de educação dos professores que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola salesiana. O referencial teórico articula pensadores salesianos que estudam e estudaram a perspectiva de educação de Dom Bosco, sua proposta de Sistema Preventivo e as ideias que deixou escritas sobre sua prática educativa. Entre os autores, destacam-se: Azzi (2000), Braido (2004, 2008), Bosco (1877, 2018), Castro (2002, 2006), Ferreira (2009), Nanni (2014), Sandrini (2018). Além desses autores, também foram utilizados Freire (1967, 1996), Arroyo (2015) e outros. A abordagem da pesquisa é qualitativa. Para a coleta de dados, foi feita uma entrevista semiestruturada com professores atuantes nos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola salesiana do Centro Oeste brasileiro. As análises das entrevistas mostram que o pensamento de Dom Bosco está presente nas falas dos professores, bem como nas suas atuações. Esta presença é expressa sobretudo por meio da preocupação com uma formação humanizadora e solidária, com o cuidado com todos e com cada um dos estudantes. Os professores falam sobre a atenção que dispensam aos estudantes em todos os ambientes escolares, sempre preocupados com que os estudantes se sintam acolhidos pela escola, o que vem ao encontro do que Dom Bosco enfatizou em seus escritos. Por fim, pode-se afirmar, com base na análise dos dados, que o pensamento de Dom Bosco se atualiza e se revitaliza em cada professor que atua na escola salesiana pesquisada.

Palavras-chave: Dom Bosco; Educação Salesiana; Ensino Fundamental; Docência.

CIPRIANO, Francisco de Assis. **Salesian Education in the Current Context**. Campo Grande, 2025. 99 p. Thesis (Master's in Education) – Dom Bosco Catholic University – UCDB.

ABSTRACT

This master's thesis focuses on the topic "Salesian Education in the Current Context" and is linked to the Research Line on Pedagogical Practices and their Relations with Teacher Education, within the Graduate Program – Master's and Doctorate in Education at Dom Bosco Catholic University (UCDB). Its main objective is to analyze the concept of education among teachers of the final years of Elementary Education in a Salesian school. The specific objectives are: a) to trace the historical development of Salesian education in Brazil; b) to identify the specific features of Salesian education; and c) to understand whether Don Bosco's educational philosophy is reflected in the teaching practices of teachers working in the final years of Elementary Education at a Salesian school. The theoretical framework includes scholars who have studied Don Bosco's educational approach, his Preventive System and the ideas outlined in his writings on educational practice. Notable references include Azzi (2000), Braido (2004, 2008), Bosco (1877, 2018), Castro (2002, 2006), Ferreira (2009), Nanni (2014), and Sandrini (2018), along with contributions from Freire (1967, 1996), Arroyo (2015), and others. The research follows a qualitative approach, with data collected through semi-structured interviews with teachers working in the final years of Elementary Education at a Salesian school in the Midwest region of Brazil. The analysis of the interviews reveals that Don Bosco's philosophy is present both in the teachers' discourse and their teaching practices, primarily reflected in their commitment to fostering a humanizing and supportive education, with care for each individual student. The teachers highlighted the attention they give to students in all school environments, ensuring that students feel welcomed, which aligns with the values emphasized by Don Bosco in his writings. Based on the data analysis, it can be concluded that Don Bosco's philosophy remains relevant and is continually revitalized by each teacher working in the studied Salesian school.

Keywords: Dom Bosco; Salesian Education; Elementary education; Teaching.

“A primeira felicidade de um menino é saber que é amado” (Dom Bosco, *Memórias Bibliográficas*, Vol. IV, 544)

LISTA DE SIGLAS

AM	Amazonas
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FSDB	Família Salesiana de Dom Bosco
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
MB	Memórias Bibliográficas
MG	Minas Gerais
MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
PUC-SP	Pontifícia Universidade de São Paulo
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
SDB	Salesiano de Dom Bosco
SP	São Paulo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pesquisas levantadas na BDTD	17
Quadro 2 – Pesquisas levantadas no catálogo de teses e dissertações da CAPES	19
Quadro 3 – Dados dos professores entrevistados	48
Quadro 4 – Número de turmas atendidas no colégio pesquisado	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Objetivo geral e objetivos específicos	14
1.2 Metodologia da pesquisa	14
1.3 Estado do conhecimento: conhecendo outros caminhos	16
1.4 Estrutura da dissertação	20
2 OS PRIMEIROS PASSOS DA EDUCAÇÃO SALESIANA NO BRASIL	22
2.1 A ampliação da presença da educação salesiana no Brasil.....	25
2.2 Educação salesiana: especificidades e reflexões	32
2.2.1 Dom Bosco e a interlocução com educadores de ontem e de hoje	36
2.2.2 Dom Bosco e o sistema preventivo.....	40
3 A IDA AO CAMPO: O ENCONTRO DIALÓGICO COM OS PROFESSORES E PROFESSORAS	47
3.1 Ser professor em uma escola salesiana: um processo educativo para além da sala de aula	51
3.2 Educação salesiana: acolhimento e respeito.....	54
3.3 Dom Bosco e o processo educativo: a escola como casa para o encontro e o diálogo.	58
3.4 A presença das ideias de Dom Bosco na atuação dos professores: a importância de cada estudante na sua singularidade.....	63
3.5 Formação continuada na escola: o que dizem os professores?	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICES	85
APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	86
APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA	89
ANEXO	91
ANEXO 1 – CARTA DE ROMA.....	92

1 INTRODUÇÃO

Sou¹ salesiano educador e a minha vivência neste ambiente educativo, do lar acolhedor da família na infância, depois o ambiente salesiano até os dias atuais, imprimiu e imprime em mim uma aproximação e necessidade de estudar e pesquisar o processo educativo.

Na minha infância frequentei, na minha cidade em Venda Nova do Imigrante, no estado do Espírito Santo, região das montanhas, uma paróquia que na época era salesiana, hoje passou para o clero diocesano. Também frequentei a escola salesiana, o oratório com as atividades esportivas, a prática do “boa tarde”, ou seja, característica forte dos princípios salesianos.

Ainda lembro do momento em que senti mais proximidade com o pensamento de Dom Bosco. Foi quando numa gincana feita para os jovens, num teatro que encenava sobre um fato da vida de Dom Bosco. Apresentava Dom Bosco paramentando para a missa, o sacristão arrumando os materiais próprios de uma capela e, além deles, tinha um jovem que acompanhava o sacristão em sua arrumação. Em um determinado momento, o sacristão se desentende com o jovem e, de forma agressiva, pede para ele sair da capela. Dom Bosco, que assistia o mal-entendido, imediatamente fala para o sacristão não fazer isso, pois aquele jovem era seu amigo. Dom Bosco explica que desentendimentos acontecem, mas não são motivos para se afastar das pessoas. Esta encenação mostra, de forma breve, a prática educativa de Dom Bosco, ou seja, de um educador que era amigo dos jovens e reconhecia que ninguém deveria ser desprezado, mas

¹ Nesta pesquisa utilizamos tanto a primeira pessoa do singular quanto a primeira pessoa do plural. A primeira pessoa do singular é utilizada para descrever as experiências pessoais e a primeira pessoa do plural para a escrita com base nos autores que me acompanham neste trabalho, pois comprehendo que o pesquisador é socialmente construído, portanto, fruto de múltiplas relações.

que o melhor caminho é ir ao encontro das pessoas, ainda que isto nem sempre ocorra de forma pacífica.

Por isso, no decorrer da dissertação optamos por apresentar o Sistema Preventivo, proposto por Dom Bosco desde seus primórdios. O Sistema Preventivo é a forma como Dom Bosco denomina o processo educativo praticado por ele. Dom Bosco tem no seu lar as primeiras lições educativas, crescendo e ouvindo as instruções de sua mãe, carinhosamente chamada pelos salesianos de Mamãe Margarida. Depois, trazemos a sua vida junto aos jovens, em que fica explícito o tipo de educação que Dom Bosco praticava e que é até hoje estudado, escrito e reescrito por educadores, religiosos e pesquisadores.

A minha escolha por aprofundar os estudos na área da educação passa por este caminho de convivência e crescimento, na família e nos ambientes salesianos. A partir desta vivência educativa, me sinto instigado a compreender de que forma as ideias de Dom Bosco estão presentes na atuação de professores que estão inseridos em uma escola salesiana. Com base nesta inquietação, estabeleci como objetivo analisar as concepções de educação dos professores dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola salesiana. Escolhemos professores que atuam com a faixa dos anos finais do ensino fundamental, porque Dom Bosco atuava sobretudo com adolescentes e jovens.

Conforme Sandrini (2018a, p. 89) aponta, “Dom Bosco foi um grande defensor dos direitos humanos das crianças, adolescentes e dos jovens”. O autor ressalta que a partir dos ensinamentos de Dom Bosco os Salesianos continuam preocupados e comprometidos com o acolhimento das crianças, adolescentes e jovens. Reiteramos que há, na obra de Dom Bosco, um destaque para os adolescentes e jovens da sua época, o que justifica o recorte do campo empírico da nossa pesquisa.

Assim, justifico a escolha do meu tema pela forma como a minha vida está enredada por uma convivência diária com as ideias de Dom Bosco. Além disso, em 2022 completei dez anos de sacerdócio. Destes, nove passei especificamente em ambiente escolar. Apesar de que para os salesianos todos os ambientes são educativos. Por um ano trabalhei em uma escola salesiana e após esta experiência trabalhei oito anos como diretor de uma escola salesiana, participando de todos os momentos da vida da escola: desde as inúmeras reuniões com pais, professores, as formações com os educadores, o encontro diário com os educandos, acolhida, atividades recreativas, espiritualidade, entre outros. Durante este tempo, compreendi que o

ambiente escolar é dinâmico, e o cotidiano da escola não se repete, pois, em cada momento, as mudanças acontecem.

Com base nestas vivências é que me propus realizar esta pesquisa. Conforme já dissemos, nos interessa pensar em como as ideias de Dom Bosco se fazem presentes no contexto atual, tendo como base as falas dos professores. Em um contexto em que tudo está em rápida transformação, o que dissemos hoje, amanhã pode ficar ultrapassado. Nesta dinâmica, os pensamentos de Dom Bosco continuam vivos. Há uma máxima no ambiente salesiano: “*com Dom Bosco e com os tempos*”. Isto quer dizer, segundo os autores que pesquisam acerca da educação salesiana, com destaque para Braido (2004), Castro (2002), Nanni (2014), Sandrini (2018b), que, de diferentes modos, o pensamento de Dom Bosco é atualizado e continua produzindo efeitos em ambientes educativos. No caso desta pesquisa, nos interessa o ambiente escolar, mais especificamente os professores.

No meu primeiro ano de sacerdócio, fui enviado para trabalhar na escola na área da pastoral, conforme dito anteriormente. Dentro do Projeto Político Pedagógico Salesiano existe a pastoral. A pastoral é o coração da escola, não é apenas um adendo na educação, mas o ponto essencial no ambiente salesiano. É a busca constante da relação consigo mesmo e com o outro. Uma educação transformadora de si e também para o outro. Educar é viver em relações, em convivência com o outro. Neste sentido, o trabalho na pastoral me fez perceber que nem sempre as relações entre os estudantes fortaleciam os aspectos humanizadores; algumas vezes, era possível perceber que as relações que estabeleciam entre si eram geradoras de processos desumanizantes, pois desrespeitavam, oprimiam humilhavam. Por isso, defendemos que a escola é um direito e que os profissionais, que nela estão, devem propiciar, aos estudantes “uma experiência de dignidade, justiça, educação e humanização” (Arroyo, 2015, p. 23).

Pensar a educação e refletir sobre a humanização é fundamental, sobretudo a partir da minha prática como educador salesiano. Afinal, esta é a razão do processo educativo para Dom Bosco, ou seja, o fortalecimento do ser humano, enquanto alguém que se relaciona com os outros prezando pelo respeito, pela dignidade e pelo diálogo. Neste sentido, faço uso de uma citação de Freire (2011, p. 109-110), que se aproxima da reflexão salesiana, quando afirma:

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes [...]. Porque é encontro de homens que pronunciam o mundo [...]. É um ato de criação.

Podemos complementar a citação sobre o diálogo com Sandrini (2018a, p. 89), que lembra que o Sistema Preventivo, inspirado no cristianismo, “vê como fundamento dos direitos humanos a dignidade de cada pessoa sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, seja de cor, etnia, sexo, gênero, língua, religião, opinião política, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição”.

Com base nesta justificativa, estabelecemos os seguintes objetivos da pesquisa.

1.1 Objetivo geral e objetivos específicos

Objetivo geral:

Analisar a concepção de educação dos professores dos anos finais do Ensino Fundamental da Educação Básica de uma escola salesiana.

Objetivos específicos:

- a) Historicizar a educação salesiana no Brasil.
- b) Identificar especificidades da educação salesiana.
- c) Compreender se o pensamento de Dom Bosco está presente nas concepções de educação dos professores que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola salesiana.

1.2 Metodologia da pesquisa

A nossa pesquisa exige que tenhamos uma aproximação com os professores para que possamos dialogar acerca do processo educativo. Neste sentido, a nossa abordagem de pesquisa é qualitativa, pois ela “exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 49). Conforme já explicitamos, o ambiente educativo nos é familiar. Esta familiaridade é importante para o nosso estudo, mas ao mesmo tempo temos que ficar atentos a todos os elementos constantes nas falas dos professores, pois conforme os autores, tudo pode se constituir uma pista.

De forma mais específica a abordagem qualitativa

[...] o método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam (Minayo, 2008, p. 57).

Segundo Duarte (1995, p. 151),

[...] métodos qualitativos fornecem dados muito significativos e densos, mas, também, muito difíceis de se analisarem. Sempre se lê isso em textos sobre metodologias de pesquisa em ciências sociais, entretanto só se tem ideia da dimensão dessa afirmação quando se está diante de seu próprio material de pesquisa e se sabe que é preciso dar conta dele.

Lembramos que construir “ciência é trabalhar simultaneamente com teoria, método e técnicas, numa perspectiva em que esse tripé se condicione mutuamente: o modo de fazer depende do que o objeto demanda” (Minayo, 2012, p. 622). Nossa objeto de estudo já foi explicitado nos objetivos desta dissertação. A perspectiva teórica são os autores/pesquisadores da educação salesiana, nossa abordagem metodológica é qualitativa e a técnica utilizada para a coleta de dados é a entrevista semiestruturada.

A entrevista semiestruturada possibilita combinarmos perguntas fechadas e abertas, propiciando uma abertura tanto para o pesquisador como para o pesquisado em relação ao diálogo em torno do tema do estudo (Minayo, 2008).

De acordo com Triviños (1987, p. 146), a entrevista semiestruturada é

[...] aquela que parte de certos conhecimentos básicos apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Desta forma, o informante seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar do conteúdo de pesquisa.

Para a escolha dos participantes ou, na expressão de Triviños (1987), dos “informantes” da pesquisa, foram utilizados critérios de escolha. Utilizamos como critérios de escolha os sujeitos que atendessem às exigências do nosso tema de pesquisa. Para tanto, selecionamos professores dos anos finais do Ensino Fundamental da Educação Básica de uma escola salesiana. A escolha destes professores se justifica por Dom Bosco trabalhar a educação de forma mais efetiva com adolescentes e jovens.

Os critérios foram:

- a) que inclua professores que atuam em uma escola Salesiana;
- b) que inclua professores de diferentes áreas de conhecimento;
- c) que inclua professores dos diferentes anos finais do Ensino Fundamental.

Com relação à análise, temos presente o que aponta Minayo (2012, p. 623):

O verbo principal da análise qualitativa é compreender. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento. Para compreender, é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total. Mas também é preciso saber que a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela se insere.

A autora ainda lembra que “interpretar é um ato contínuo que sucede à compreensão e também está presente nela: toda compreensão guarda em si uma possibilidade de interpretação, isto é, de apropriação do que se comprehende” (Minayo, 2012, p. 623). Ela conclui que “a interpretação se funda existencialmente na compreensão e não vice-versa, pois interpretar é elaborar as possibilidades projetadas pelo que é compreendido” (Minayo, 2012, p. 623).

Portanto, estamos cientes de que “na interlocução com os atores o investigador é um ator ativo, que indaga, que interpreta, e que desenvolve um olhar crítico” (Minayo, 2012, p. 624).

1.3 Estado do conhecimento: conhecendo outros caminhos

Aqui, apresentamos uma análise das pesquisas já efetuadas e que, de alguma forma, dialogam com o tema dessa dissertação. Realizamos um levantamento de dados do tipo estado do conhecimento no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), também no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o banco de teses e dissertações da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

Como afirmam Santos e Morosini (2021, p. 125), a pesquisa denominada de Estado do Conhecimento é uma pesquisa “bibliográfica, baseada, principalmente, em teses, dissertações e artigos científicos, pois neste rol de pesquisas é possível conhecer o que está sendo pesquisado em nível de pós-graduação *stricto sensu* de determinada área, sobre determinado tema”. De acordo com Morosini e Fernandes (2014, p. 102), o Estado do Conhecimento se refere a “identificação, registro, categorização que levam à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo”.

Com base na caracterização do Estado do Conhecimento explicitado pelas autoras citadas anteriormente, passamos a apresentar o levantamento e a análise que efetuamos acerca do nosso tema de pesquisa.

Os descritores utilizados para a pesquisa no IBICT foram: pátio salesiano; acolhida; Dom Bosco, sistema preventivo; salesianos; educação salesiana; formação salesiana; formação de professores; salesianidade e pedagogia salesiana. No Quadro 1, apresentamos o levantamento do Estado do Conhecimento com os respectivos descritores e o número de dissertações e teses.

Quadro 1 – Pesquisas levantadas na BDTD

Descritores	Dissertação	Tese
Pátio salesiano; acolhida	3	3
Dom Bosco; sistema preventivo;	3	4
Salesianos; educação salesiana;	33	16
Formação Salesiana; formação de professores	21	10
Formação de Professores; salesianidade	12	7
Educação salesiana; pedagogia salesiana	19	9
	81	49

Fonte: Minha autoria.

Nesta pesquisa no IBICT, fiz um recorte temporal de 2013 a 2023. Qual a justificativa para demarcar este tempo? Em 2013 foram comemorados os 130 anos da presença salesiana no Brasil. Discutirei isso no meu primeiro capítulo, onde trago aspectos da história da educação salesiana no Brasil. Neste presente ano de 2023 completam-se os 140 anos da chegada dos Salesianos no Brasil. Portanto, um recorte da última década da educação salesiana no Brasil.

Do total de 130 teses e dissertações levantadas neste *site*, realizei a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave dos trabalhos. Nesta leitura, percebi que os trabalhos se referiam, em sua maioria, às questões indígenas, sobre conteúdos curriculares específicos, gestão escolar, coordenação escolar, todos ancorados em Dom Bosco e/ou na Pedagogia Salesiana, mas não centravam estas questões na discussão com os professores, que para minha pesquisa é imprescindível. Portanto, somente uma pesquisa se aproximou do meu tema.

Assim, no *site* de busca do IBICT, selecionei a tese de Silvana Soares defendida em 2018 na Universidade Metodista de São Paulo com o tema: “Aspectos ontológicos e antropológicos da *amorevollezza* na educação salesiana”. Este estudo teve como objetivo descrever os aspectos antropológicos e ontológicos da *amorevollezza* (amor) na filosofia educativa salesiana, para aprofundá-los numa perspectiva fenomenológica e interpretar os desdobramentos dessa filosofia educativa com a intenção de indicar as suas contribuições para a filosofia da educação. “A presença significativa de referenciais históricos e pedagógicos sobre

a educação salesiana construída na sua origem e no seu desenvolvimento permite o olhar para este tipo de experiência educativa” (Soares, 2018, p. 1). A autora utiliza “a metodologia para a realização da pesquisa parte do princípio da fenomenologia, que tem em vista compreender o todo e os desdobramentos dos sentidos para chegar à essência. Assim, ampliam-se descritivamente os aspectos antropológicos e ontológicos da *amorevollezza*” (Soares, 2018, p. 1).

A conclusão apresenta não apenas um traço do Sistema Preventivo de Dom Bosco, mas um conjunto de práticas para a atuação da pedagogia salesiana. Soares (2018) aponta que, apesar de ser conjunto, portanto não podemos reduzir a um único traço, há efetivamente um destaque para *amorevollezza*.

Esta pesquisa dialoga com a minha dissertação, pois está alicerçada no referencial teórico da pedagogia salesiana, e um dos elementos do tripé do Sistema Preventivo, a *amorevollezza*, vem ao encontro do referencial que utilizamos na dissertação.

Sobre o Sistema Preventivo trazemos alguns estudos que refletem o jeito de educar salesiano. Segundo Braido (2004, p. 267),

O sistema, é, definitivamente, fundado sobre a razão, sobre a religião e sobre a *amorevollezza* do educador, indivíduo e comunidade e, através dele, de todos os elementos pedagógicos dos quais é cooperador ou mediador. Não se constroem sujeitos maduros, nos valores de razão, religião e afetividade, se o educador não for, ele mesmo, fim-valor e método segundo a razão, religião e a afetividade.

A palavra italiana *amorevollezza* não tem tradução literal para o português e pode ser entendida como bondade, afeto, carinho e amor. Esses valores devem nortear as ações educativas. Segundo Sandrini (2018, 57),

Em seu Sistema Preventivo, no trato com os jovens pobres e abandonados, Dom Bosco fez uma educação complexa. No Oratório de Dom Bosco, os jovens encontravam religião, razão e amorevollezza. Ao contrário de outros oratórios que se preocupavam quase exclusivamente com a religião, ele trabalhou também a razão e a emoção. O que a maioria desses jovens necessitava era de atenção, de carinho, de acolhida. Isso se encontrava na casa de Dom Bosco.

Reiteramos que estas caracterizações estão presentes em toda a nossa pesquisa. Conforme informado anteriormente, também efetuei a pesquisa no *site* da CAPES. Na pesquisa feita no *site* da CAPES, utilizei a junção de dois descritores com o sinal de mais (+) entre eles. Foram eles: educação salesiana + sistema preventivo; concepção da educação salesiana + pedagogia salesiana e sistema preventivo + Dom Bosco.

Justifico que utilizei descritores diferentes para a pesquisa nos dois bancos de dados, IBCT e CAPES, pois, no *site* da CAPES com os mesmos descritores utilizados no banco de dados do IBCT, não encontrei pesquisas que dialogassem diretamente com a temática da minha dissertação. Por isso, optei por utilizar outros descritores.

No Quadro 2, apresentamos o levantamento do Estado do Conhecimento, com os respectivos descritores e o número de dissertações e teses.

Quadro 2 – Pesquisas levantadas no catálogo de teses e dissertações da CAPES

Descritores	Dissertação	Tese
Educação Salesiana + Sistema Preventivo	42	10
Concepção da educação salesiana + pedagogia salesiana	72	26
Sistema Preventivo + Dom Bosco	76	29
	190	65

Fonte: Minha autoria.

Das 255 pesquisas levantadas no *site* da CAPES, realizei a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave dos trabalhos. Nesta leitura, percebi que os trabalhos, da mesma forma que no *site* da IBICT, referiam-se, em sua maioria, às questões indígenas, a conteúdos curriculares específicos, gestão escolar, coordenação escolar, todos eles ancorados em Dom Bosco e/ou na Pedagogia Salesiana, mas não centravam estas questões na discussão com os professores, que, conforme já apontei, para minha pesquisa é imprescindível. Portanto, também neste *site* somente uma se aproximou da minha pesquisa.

No *site* de busca de teses e dissertações da CAPES, selecionei a dissertação de Douglas Verdi, defendida em 2022 na Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), com o tema: “Pedagogia salesiana e currículo humanizador: o ‘bom dia’ como prática pedagógica e vivência de valores”. A dissertação teve como objetivo analisar a “concepção e a prática pedagógica salesiana do ‘bom dia’, como educação em valores, tendo em vista a delimitação de indicadores das repercussões dessa vivência, junto aos seus participantes, na perspectiva da qualificação contínua de suas proposições” (Verdi, 2022, p. 1). A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa e incluiu como procedimentos a pesquisa bibliográfica, a análise de documentos e fundamentação teórica pautada na literatura salesiana. O que mais se destacou foi a ênfase no “Sistema Preventivo (razão, religião e ‘amorevollezza’)” (Verdi, 2022, p. 1). Além disso, a pesquisa analisou a preocupação em “desenvolver a formação de ‘bons cristãos e honestos cidadãos’ alicerçada na concepção humanizadora de educação” (Verdi, 2022, p. 1). Esta pesquisa também traz contribuições importantes para a minha dissertação, pois está baseada no

referencial teórico da pedagogia salesiana, que vem ao encontro do referencial que utilizei na minha dissertação.

Já no *site* de busca de teses e dissertações do Programa de Pós-graduação de Mestrado e Doutorado da UCDB, selecionei a dissertação de Marcelo Augusto da Costa, defendida em 2021, com o tema “Um diálogo entre Paulo Freire e Dom Bosco: as contribuições para o processo formativo de professores”. A dissertação teve como objetivo analisar a contribuição das pedagogias salesiana e freireana no processo de formação do pedagogo em uma instituição salesiana. Com base nas teorizações de Dom Bosco e Paulo Freire, o autor utilizou como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada com estudantes do curso de Pedagogia. Na análise, o autor destaca que há aproximações entre a pedagogia salesiana e freireana. Ele afirma que Dom Bosco e Paulo Freire “possuem pontos de convergência, principalmente em relação à importância atribuída por ambos ao diálogo, ao acolhimento dos educandos, ao processo educativo como contribuição para o fortalecimento da dignidade humana” (Costa, 2021, p. 8). Além disso, a dissertação apresenta como conclusão que os estudantes do Curso de Pedagogia, da instituição salesiana, percebem a presença da pedagogia salesiana na forma como são tratadas, ou seja, por meio das relações humanas nos diferentes espaços da instituição, já a pedagogia freireana está presente em forma de conteúdo curricular. Esta pesquisa traz importantes contribuições para a minha dissertação por utilizar os escritos de Dom Bosco, além disso a pesquisa de campo aconteceu em uma instituição salesiana, da mesma forma que a minha se propõe.

1.4 Estrutura da dissertação

A dissertação está composta por três capítulos. No primeiro capítulo apresento o tema da dissertação articulado com a minha história e assim justifico a escolha do tema. Além disso, apresento os objetivos da pesquisa, a metodologia e o Estado do Conhecimento. Para isso, expicitei fragmentos da minha caminhada na educação, do início até os dias atuais. Isto me levou a aprofundar os estudos na área da educação e assim fazer o mestrado. Em seguida, apresento os objetivos geral e específicos da pesquisa, a metodologia escolhida para realizar a pesquisa, bem como a escolha dos sujeitos participantes. Por fim, apresento o Estado do Conhecimento.

No segundo capítulo, trago elementos da história da presença salesiana no Brasil e suas implicações para a educação em nosso país, em seguida as especificidades da educação salesiana no ambiente escolar.

No terceiro capítulo, apresento a análise do diálogo com os participantes da pesquisa por meio das entrevistas semiestruturadas. São professores atuantes em uma instituição escolar salesiana nos anos finais do Ensino Fundamental. Nele, discuto e analiso centralmente o diálogo com os professores acerca da educação salesiana no contexto atual.

Por fim, apresento as considerações finais.

2 OS PRIMEIROS PASSOS DA EDUCAÇÃO SALESIANA NO BRASIL

Iniciamos este capítulo lembrando, com Marcigaglia (1955), que em 1875 Dom Bosco envia o primeiro grupo de salesianos à América do Sul. O grupo foi enviado para a Argentina. Conforme o autor,

[...] a primeira terra americana em que os salesianos pousaram o pé foi o Brasil. Isto aconteceu em 1875, quando a assim chamada Primeira Expedição Missionária, que Dom Bosco enviou a Argentina, passou pelo Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil (Marcigaglia, 1955, p. 13).

O Brasil, neste momento, foi só local de passagem dos salesianos. Do Rio de Janeiro, eles seguiram para a Argentina. Somente oito anos depois um outro grupo de salesianos chegaria e faria morada em terras brasileiras.

Segundo Azzi (2000), a primeira solicitação da presença salesiana no Brasil veio do Pará, em 1881. Conforme o autor, “no Brasil, o primeiro a formalizar o pedido junto à Cúria Romana foi Dom Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará e em seguida, o bispo de Cuiabá, Dom Carlos D’Amour” (Azzi, 2000, p. 68). Apesar dessas solicitações, os primeiros salesianos, não foram nem para o Pará, nem para Cuiabá, foram para o Rio de Janeiro. Lembramos que na época o Rio de Janeiro era a capital do império. Azzi (2000, p. 180) relata que “em meados de 1882, Lasagna fez sua primeira viagem ao Brasil, para verificar as possibilidades concretas da nova fundação. No ano seguinte, a 14 de julho de 1883, a obra foi iniciada no bairro de Santa Rosa de Niterói”.

Assim, os Salesianos chegam ao Brasil na cidade de Niterói em 14 de julho de 1883. Segundo Azzi (2000, p. 179), “o estabelecimento da primeira obra salesiana em Niterói, a partir

de 1883, obedeceu a três critérios fundamentais: atendimento à solicitação do bispo do Rio de Janeiro, proximidade da Corte e maior possibilidade de comunicação com o Uruguai". À medida que a obra salesiana foi se estendendo para o Oeste paulista, Niterói acabou ficando cada vez mais numa posição de extremidade geográfica. Continuou, porém, como a antessala para a comunicação dos salesianos com o governo da nação, e simultaneamente como o elo da comunicação, via-marítima, com o Uruguai e a Europa.

A partir da obra em Niterói, os Salesianos objetivavam expandir seu campo educativo e há um entusiasmo para irem para São Paulo. Assim, no Vale do Paraíba, no estado de São Paulo, os Salesianos fundaram três obras: o Colégio São Joaquim e a Escola Agrícola em Lorena em 1890 e o Colégio São José em Guaratinguetá em 1898. Depois das primeiras fundações no Vale do Paraíba, eles seguem para o Oeste Paulista. A força motora desta região à época eram o café, a ferrovia e a imigração. O Liceu Nossa Senhora Auxiliadora na cidade de Campinas foi fundado em 1897.

Assim, conforme já dissemos, a primeira obra Salesiana no Brasil começou em Niterói, com o Colégio Santa Rosa. O padre Luis Lasagna foi designado por Dom Bosco para ser o fundador da obra no país após um estudo de viabilidade. Padre Luis Lasagna passou por todas as regiões que no futuro seriam divididas em seis Inspetorias, das quais trataremos adiante nesta dissertação.

Enquanto as três primeiras fundações salesianas nas Províncias do Rio e de São Paulo foram realizadas ainda na época imperial, a implantação da obra salesiana em Minas teve início nos primórdios da República. Ao mesmo tempo que os Salesianos iniciaram as Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo, no estado de Minas Gerais em 1896, as Filhas de Maria Auxiliadora instalavam-se em Ouro Preto e Ponte Nova, também em Minas Gerais.

É interessante notar que a região mais progressista do país foi escolhida como o centro da expansão da obra de Dom Bosco: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais foram as três províncias imperiais, transformadas em seguidas em Estados. Brandão (2006, p. 98) diz:

[...] existe claramente uma preferência pela região sudeste do país, o Rio de Janeiro por sua influência política, São Paulo por sua expressão agrícola e morada de muitos imigrantes italianos e Minas Gerais por sua expressão agropecuária, demonstrando a estratégia salesiana, em estar próxima ao polo de convergência político-econômico e social do país.

Além dessas, havia outros três conjuntos de obras situadas em regiões distantes e periféricas: No Nordeste, no Sul do País e no Mato Grosso. Azzi (2000, p. 163) diz: "as

fundações do Nordeste ficaram, de início, dependentes diretamente do centro de Turim, sendo posteriormente criada uma Inspetoria autônoma para essa região”.

A presença salesiana no Sul do Brasil, especificamente no Rio Grande do Sul, foi incorporada à Inspetoria do Uruguai, pois a proximidade com o Sudeste era muito difícil. O primeiro sucessor de Dom Bosco, Padre Miguel Rua, autorizou a fundação de uma obra educativa na cidade do Rio Grande, em 1901. A presença salesiana era oportuna tanto na cidade de Rio Grande, como em seguida em Bagé, cidade situada perto da fronteira com o Uruguai. O Liceu Leão XIII do Rio Grande e o Colégio de Bagé.

A ação missionária de trabalhar com os povos indígenas foi considerada prioritária para a presença dos salesianos na América do Sul. Daí a ida dos Salesianos para o Mato Grosso, atendendo ao pedido do bispo diocesano, Dom Carlos D’Amour. O acesso ao Mato Grosso era mais fácil por via fluvial a partir do Uruguai. De São Paulo, porém, a comunicação era difícil e demorada. Era necessário chegar ao porto do Rio de Janeiro e, de lá seguir, via marítima, até Montevidéu e, só então, prosseguir viagem para Corumbá por via fluvial.

Como as missões interessavam diretamente a toda a Congregação, Lasagna pensara, desde o início, que essa região teria um apoio direto dos superiores de Turim.

Desta forma, os Salesianos chegam ao Centro Oeste do país, em Mato Grosso. A educação é o carro chefe de todas as regiões. E no Mato Grosso o trabalho principal foi com os povos originários: os Bororós e os Xavantes. Embora foi na capital estadual, Cuiabá, que teve início a implantação da obra de Dom Bosco. Azzi (2000, p. 211) cita uma fala, extraída de uma carta circular de 1 de janeiro de 1895 de Dom Lasagna: “na capital do Mato Grosso deixei cinco salesianos no Colégio de Artes e Ofícios que lá fundei para meninos pobres, e esse colégio deverá servir como de quartel general e ponto de partida para as futuras expedições entre os selvagens”.

Uma outra frente missionária que começará o trabalho educativo salesiano na região Norte do país: no Amazonas, lá também com os povos originários. A chegada dos primeiros Salesianos aconteceu em 1914, na Vila São Gabriel, no Rio Negro e ali deram início as atividades socioeducativas.

Nesta primeira etapa de atividade missionária na região amazônica, foram fundadas três residências salesianas que deveriam servir de base para os religiosos: duas no Alto Rio Negro, em São Gabriel e Taracuá, e uma no Baixo Rio Negro, em Barcelos.

A primeira residência foi fundada em São Gabriel da Cachoeira em data de 24 de maio de 1915 pelo Padre João Balzola.

Nesta parte inicial do capítulo, nosso objetivo foi mostrar a chegada e a instalação das obras salesianas em todas as regiões do país, Sudeste, Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Norte.

2.1 A ampliação da presença da educação salesiana no Brasil

Lembramos que a primeira obra educativa dos Salesianos em terras brasileiras foi o Colégio Santa Rosa, em Niterói, no ano de 1883. O projeto salesiano determinava que, ao lado de cada colégio ou escola profissional, existisse um oratório. Um oratório era um lugar para os adolescentes, jovens e adultos junto com os Salesianos e os colaboradores passarem um tempo com formação religiosa, reforço escolar, jogos e brincadeiras. A finalidade primordial era a educação da juventude pobre. Azzi (2000, p. 300) afirma:

Num documento elaborado em 1 de janeiro de 1895, o padre Zanchetta, diretor do Colégio Santa Rosa, escrevia: o bem que se poderia fazer seria muito maior se houvesse pessoal mais abundante. Poder-se-ia ter assim, por exemplo, o Oratório Festivo em dez ou doze pontos de Niterói e do Rio de Janeiro.

O Oratório Festivo é essencial para os Salesianos. Dom Bosco iniciou seu trabalho educativo a partir de um lugar, que não era fixo, mas onde os adolescentes e jovens podiam se divertir, rezar e conviver com os da mesma idade. Dom Bosco começou a reunir os meninos no Colégio Eclesiástico em Turim para instruir na catequese, brincar e lanchar. Após, os padres reclamarem da algazarra juvenil e não poderem reunir mais ali, por cinco anos, Dom Bosco fez o oratório itinerante aos domingos, pelos prados, ruas e campos de Turim.

Paradoxalmente, o Oratório Festivo da primeira fundação salesiana, no Brasil, o Colégio Santa Rosa de Niterói, não vingou. Segundo Marcigaglia (1955, p. 23), “a presença dos protestantes, que já mantinham uma escola no bairro, conseguiu provocar o fracasso dessa experiência inicial”.

Ao assumir a direção do Colégio Santa Rosa, em 1895, o Padre Luiz Zanchetta tentou reativar o Oratório Festivo. É provável, porém, que o projeto não tenha ido avante, pois Zanchetta passou a ocupar-se principalmente na promoção e devoção à Nossa Senhora Auxiliadora. Azzi (2000, p. 301) diz: “pelos dados que tenho em mãos, a retomada dessa instituição só foi feita bem mais tarde. O Oratório Festivo só se tornou obra significativa a partir de 30 de junho de 1907, já sob o diretorado do Padre Angelo Alberti”.

Na capital paulista, o Oratório Festivo constituiu, de fato, o berço da obra salesiana. Segundo Azzi (2000, p. 302),

[...] em setembro de 1901, a revista Santa Cruz fazia a seguinte referência aos primórdios do Oratório Festivo, iniciado em 1885, com a chegada do padre Lourenço Giordano: ‘embora residindo em casa alugada, pois que o Liceu não tinha nenhum cômodo habitável, o bom sacerdote recolhia aos domingos e dias santos os meninos vagabundos das ruas, ensinava-lhes os salutares princípios da religião, preservava-os de maus companheiros, brindava-os com presentinhos e comezainas próprias da idade, proporcionava-lhes diversões e reenviava-os assim contentes para casa’.

Tanto em Recife como em Salvador os salesianos promoveram a instituição dos oratórios festivos. Tendo iniciado a obra de São Paulo com um oratório festivo, o Padre Lourenço Giordano seguiu o mesmo caminho em Recife.

Em modo análogo ao que ocorrera no Liceu de São Paulo, também no Liceu São Gonçalo, em Cuiabá, foi dado grande incremento ao oratório festivo desde os primórdios. Tendo os Salesianos chegado aí em 18 de junho de 1894, o bispo diocesano entregou-lhes a igreja de São Gonçalo com suas dependências. Foi logo aberto o oratório festivo. Quando Dom Lasagna embarcou de volta a Montevidéu, em 12 de julho 1894, o salesiano Marcigaglia (1955 p. 305) observa: “nota impressionante: os duzentos alunos do Oratório Festivo, recém-inaugurado, alinhados e educados, lá estavam também no porto para desejar boa viagem ao querido superior”.

No Brasil, os oratórios festivos foram organizados a partir de duas perspectivas diferentes. O oratório devia constituir o embrião primordial da obra salesiana, como ocorreu na fase inicial do projeto educativo de Dom Bosco. É dentro dessa ótica que o oratório festivo foi fundado em São Paulo, em Araras, em Recife, em Cuiabá, em Ladário.

Outras vezes, porém, o oratório festivo passou a ser organizado quando a obra salesiana já estava constituída. Esse é o caso dos oratórios festivos em Lorena, em Corumbá, e até mesmo em Niterói, pois neste último caso o projeto inicial havia fracassado.

Segundo Azzi (2000, p. 309),

[...] a impressão geral que se tem da leitura dos diversos relatos sobre os primeiros oratórios festivos do Brasil, bem como da análise de algumas das raras fotografias de grupos de oratorianos, é que quem participava era meninos oriundos de famílias pobres ou remediadas, em sua maioria. Em diversas localidades, uma parte expressiva desses meninos eram descendentes de italianos.

Conforme Azzi (2000), um dos pontos fortes da educação salesiana está ligada à música. Ela ocupou um lugar especial na pedagogia de Dom Bosco. Ao mesmo tempo que esses religiosos inovavam em termos educacionais, a valorização da música os colocava em sintonia com a tradição luso-brasileira e afro-indígena, na qual o elemento musical havia ocupado sempre um espaço significativo na formação cultural.

Com base no mesmo autor, é possível afirmar que desde as origens do Oratório de São Francisco de Sales em Turim um aspecto emerge com bastante nitidez: a alegria típica do colégio salesiano, onde a música e o teatro ocupam lugar relevante.

Assim, a alegria era considerada um elemento básico da educação ministrada pelos salesianos de Dom Bosco, e a música, a forma mais típica para expressar esse estado de alma.

Dois eram os componentes principais das solenidades celebradas no colégio salesiano: o aspecto religioso e o recreativo. Nisso, aliás, os religiosos seguiam de perto os ensinamentos do próprio Fundador da Congregação, Dom Bosco.

Azzi (2000, p. 318) diz: “a razão principal que levou Dom Bosco a valorizar a música foi, sem dúvida, seu grande poder de influência no espírito dos jovens”.

Fiéis aos ensinamentos de Dom Bosco, os salesianos sabiam que, através da música, os alunos se tornariam mais sensíveis e ao mesmo tempo mais abertos aos ensinamentos dos próprios mestres.

Conforme Azzi (2000, p. 319), “já na formação familiar e social do povo brasileiro, a música ocupou sempre um lugar importante. Já desde o berço das crianças eram embaladas ao som das canções de ninar. Nos períodos da meninice, a diversão eram as canções de roda. Os jovens, por seu turno, percorriam as ruas da cidade fazendo serenatas para suas namoradas”.

Desde a chegada dos salesianos,

[...] ao estudar as perspectivas para a primeira fundação brasileira no Rio de Janeiro, já desde fins de 1877, o Padre Giuseppe Vespiagnani escrevia a Dom Bosco insistindo sobre a necessidade da música, em razão do caráter sentimental e emotivo do povo: ‘quanto a música, ela é indispensável. Aqui uma banda musical fala alto, toca o coração, e atrai ao bem e à Igreja as mesmas pessoas do mundo, que na verdade pouco a frequentam’ (Azzi, 2000, p. 320).

Para Azzi (2000), ao que tudo indica coube ao segundo diretor do Colégio Santa Rosa de Niterói organizar a banda de música. A partir de 1888, ela passa a ser um elemento importante não só das festas colegiais como também dos passeios e desfiles que os alunos realizavam pela cidade e seus arredores.

Segundo Braido (2004, p. 304), “a música dá um tom vivo de festa a todas as solenidades, sagradas e profanas: ritos religiosos, passeios, excursões, recepções e despedidas, distribuição de prêmios, academias e teatrinhos”.

Ao lado da música, também o teatro ocupou um lugar importante no projeto educativo salesiano. Segundo Azzi (2000, p. 350),

[...] nos diversos colégios salesianos estabelecidos no País, em fins da época imperial e primórdios da República, o teatro educativo ocupou lugar de destaque. Desde que os colégios começavam a entrar em funcionamento, os salesianos de Dom Bosco se preocupavam em preparar os alunos para que participassem ativamente desse tipo de espetáculo, seja através de aulas de declamação, seja através da organização dos grupos dramáticos. Conforme os primeiros estatutos dos colégios salesianos, as aulas de declamação são oferecidas gratuitamente para os alunos que manifestassem interesse, disposição ou aptidão.

Nas primeiras décadas da implantação da obra de Dom Bosco no País, a música e o teatro constituíram um binômio que poderia ser considerado como a marca registrada do que se denomina de Pedagogia Salesiana (Nanni, 2014).

No Sistema Preventivo de Dom Bosco, havia pouco lugar para as medidas restritivas. No aspecto recreativo, esse educador procurava utilizar os mesmos recursos vigentes na vida social em termos de lazer e entretenimento, procurando apenas que o seu conteúdo nada tivesse de nocivo para os meninos.

Em Azzi (2000, p. 334),

[...] o teatro de raízes populares, passou a ser considerado parte integrante da educação ministrada nos colégios. Nas principais solenidades do ano nunca deveriam faltar uma representação teatral. Os salesianos reproduziam, portanto, nos recintos dos próprios colégios, em condições modestas e populares, mas cheias de vida, essa modalidade de espetáculo que constituía uma das expressões da modernidade urbana.

Era uma verdadeira escola de arte. Segundo Azzi (2000, p. 356),

[...] nos estatutos das Escolas Dom Bosco, de Cachoeira do Campo, no estado de Minas Gerais, redigidos em 1901, se reproduzia esta norma vigente nas demais escolas de artes e ofícios: para os artistas que tiverem aptidão, também haverá uma aula gratuita de declamação.

A finalidade básica do teatro salesiano era constituir mais um elemento importante para a formação educativa dos alunos. O teatro fazia parte da vida do colégio e deve ser introduzido, mesmo quando existem condições humanas e materiais precárias para a sua

realização. O teatro salesiano é uma porta que se abre aos meninos para que possam se tornar sensíveis a esse poderoso e importante instrumento de comunicação e expressão humana.

Segundo Azzi (2000, p. 360),

[...] ao enfatizar a importância do teatro, os salesianos exerceram uma ação pioneira. Entre os religiosos educadores europeus que haviam precedido os salesianos, como lazartistas franceses e os jesuítas italianos e alemães, não há referências de que tenham incentivado o teatro em seus colégios. Tendo chegado ao Brasil em 1897, os religiosos maristas utilizavam o teatro em seus colégios, mas como atividade esporádica, prevalecendo a valorização das academias e grêmios.

Para Azzi (2000), a característica masculina do teatro salesiano envolve dois aspectos conjugados. Por um lado, todos os atores eram exclusivamente do sexo masculino, por outro, representavam também no palco apenas papéis masculinos. Formados dentro do rigorismo sexual do século XIX, os colégios salesianos eram destinados apenas aos meninos. Nesse contexto, seria impensável contar com uma parceria feminina nas exibições teatrais.

As exibições teatrais, nos palcos dos colégios salesianos, foram sempre consideradas como elementos importantes no projeto educativo salesiano. Por isso, tão logo o estabelecimento educacional começava a entrar em seu ritmo normal, eram organizadas as primeiras representações teatrais.

Segundo Sandrini (2018a, p. 95), “a educação não pode oferecer o mínimo às pessoas. Cada pessoa tem sua fonte inesgotável de superação. O importante é dar-lhes motivações, horizontes amplos”. Segundo o autor, Dom Bosco, ao trabalhar com cada adolescente, buscou possibilitar condições para vencer os desafios do cotidiano. Dom Bosco compreendia, principalmente por meio do diálogo, da proximidade, do acolhimento, que era possível ajudar os estudantes (Sandrini, 2018a). Neste sentido, certamente a música, o teatro e outras formas de artes contribuíam para que jovens e adolescentes ampliassem seus horizontes, sobretudo em um contexto em que os recursos materiais eram escassos.

Outra questão a ser destacada é que, proveniente do mundo rural, Dom Bosco sempre considerou o livro como um importante instrumento de acesso à sociedade urbana letrada. Uma das características principais impressas pelo Fundador da Congregação Salesiana foi o grande interesse pela imprensa. O próprio Dom Bosco foi um escritor muito fecundo, deixando inúmeras obras publicadas.

Um dos seus biógrafos escreveu sobre o escritor Dom Bosco o seguinte:

[...] três circunstâncias lhe facilitaram este trabalho de escrever no meio da *mole ingente* das suas ocupações: o velho hábito de não perder nenhuma migalha de tempo; o vigor do seu engenho e a força da sua memória, tudo ajudado por uma vontade de ferro; a facilidade rara de resolver, ao mesmo tempo, assuntos mais diversos e de ditar simultaneamente sobre coisas diferentes (Ceria, 1962, p. 169).

Visando a inserção dos jovens vindos dos segmentos populares mais pobres na nova sociedade burguesa que se afirmava, Dom Bosco procurou editar livros e periódicos acessíveis à capacidade intelectual desses jovens.

Nas escolas profissionais salesianas, o setor que mais se desenvolveu foi o das artes gráficas. Esse fato ocorreu nas cidades de Niterói, São Paulo, Campinas, Cuiabá, Recife e Salvador, principalmente. Mas a primazia nas artes gráficas coube ao Colégio Santa Rosa, localizado em Niterói, e ao Liceu Coração de Jesus, localizado no estado de São Paulo.

Azzi (2000) cita um artigo publicado no *Correio Paulistano* e transscrito depois pelo *Boletim Salesiano*, em 1904, por Duarte de Azevedo que afirmava, com muita propriedade, que, ao lado da música, a tipografia era um dos setores que mais chamava a atenção nos liceus salesianos:

[...] a tipografia, a imprensa, a revista, o livro, tais as marcas do desenvolvimento intelectual. Imprimir, ler, propagar as leituras é falar, ensinar, multiplicar as noções do entendimento humano. A educação intelectual, que vem do livro, prende-se à tipografia, como ao primeiro lar de instrução. A tipografia é a máquina que está para a ideia; é o primeiro símbolo da ciência (Azzi, 2000, p. 388).

Nessa etapa inicial, os salesianos não possuíam ainda uma editora propriamente dita. Mas algumas escolas profissionais, como as de Niterói e de São Paulo, acabaram se destacando pela quantidade de volumes publicados. Merecem ainda referências as escolas profissionais de Campinas, Cuiabá, Salvador, Recife. Tais escolas profissionais constituíam verdadeiros centros editoriais de formação.

Azzi (2000, p. 394-395) cita alguns nomes que se destacaram na etapa primordial na publicação de artigos, opúsculos e livros:

O Padre Lourenço Giordano deixou importantes publicações. Do Padre Luiz Zanchetta, sabemos que é o autor de *Gotas de Orvalho*. Não pode ser esquecido o nome do Padre Carlos Graglia, apresentado muitas vezes com a grafia aportuguesada graia, e que se escondia sob o pseudônimo de *Rusticus Pedemontanus*, ou seja, Camponês do Piemonte, sua região de origem. No início do século XX, começava a destacar-se por suas qualidades poéticas, o jovem salesiano João Batista Lorandi, que utilizava em suas produções literárias, o pseudônimo de *Dinarol*. Na mesma época começava, também, a despontar no Mato Grosso, outro jovem poeta e escritor salesiano: Francisco de Aquino Correia.

Na etapa de implantação da obra de Dom Bosco no País, os salesianos divulgaram quatro publicações periódicas: o *Boletim Salesiano*, as *Leituras Católicas*, a revista *Santa Cruz* e a revista *Mato Grosso*. É um conjunto editorial muito significativo para uma instituição educacional que estava ainda em seus primórdios. Podem-se também destacar duas outras publicações periódicas: a coleção *Leituras Dramáticas*, editadas pelas Escolas Profissionais do Recife, e as *Leituras Recreativas*, editadas pelas Escolas Profissionais de Salvador.

É importante lembrar que já em 1853 Dom Bosco lançava a revista popular com o nome: *Leituras Católicas*. Uma publicação mensal de algumas dezenas de páginas, em formato reduzido, um guia com estilo didático. Nela, aparecem os escritos de Dom Bosco e os de outros autores. A partir de 1862 essas publicações foram impressas individualmente em Valdocco e difundidas por toda a Itália através de uma invejável rede de sacerdotes e leigos dispostos a promover o que no futuro se chamará a boa imprensa. Segundo Azzi (2000, p. 398),

[...] em março de 1890, a Tipografia Salesiana de Niterói publicava o primeiro volume da série das Leituras Católicas, traduzindo uma obra de Dom Bosco intitulada *O Católico no Mundo*, opúsculo com o qual se iniciara anos antes a publicação das Leituras Católicas na Itália. Na América do Sul, a primeira edição das Leituras Católicas havia sido iniciada na Argentina. O Brasil passou a ser o segundo país a publicá-las. Desse modo, ao lado das edições italiana e espanhola, surgia agora, a edição portuguesa.

O *Boletim Salesiano* foi iniciado com Dom Bosco em 1877 na Itália, para ser o veículo de comunicação com os educadores que trabalhavam com o sacerdote educador e cidadãos que admiravam o trabalho dos Salesianos em prol dos jovens mais pobres.

Nas duas primeiras décadas, o *Boletim* chegava ao Brasil redigido em italiano, mas a partir de 1902 foi iniciada uma edição especial em língua portuguesa. Atualmente o *Boletim* continua sendo publicado em 66 edições e em 31 línguas.

Com o passar dos anos e as atividades educativas se consolidando em várias regiões do país, a sede principal da Congregação Salesiana viu que o trabalho seria mais bem distribuído se fossem formadas Inspetorias. Uma Inspetoria é uma repartição onde o Inspetor inspeciona a região ou as regiões que engloba este território.

No Brasil, os Salesianos estão divididos em seis unidades: Inspetoria Nossa Senhora Auxiliadora, Inspetoria Santo Afonso Maria de Ligório, Inspetoria São Luiz Gonzaga, Inspetoria São Domingos Sávio, Inspetoria São João Bosco e Inspetoria São Pio X.

A Inspetoria Nossa Senhora Auxiliadora foi fundada em 1883. A sua primeira sede foi no Colégio Villa Colon, em Montevidéu, passando em seguida para o Ginásio São Joaquim em

Lorena-SP (1896) e, finalmente, para o Liceu Coração de Jesus-SP (1908), quando foi separada do Uruguai.

Da Inspetoria Salesiana de Nossa Senhora Auxiliadora, de São Paulo, surgiram duas novas: a Inspetoria São João Bosco com sede em Belo Horizonte-MG, fundada em 11 de dezembro de 1947 e a Inspetoria Salesiana São Pio X com sede em Porto Alegre-RS em 31 de janeiro de 1963.

A Inspetoria Santo Afonso Maria de Ligório foi fundada em 01 de agosto de 1894 com sede em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. A Inspetoria Salesiana São Luiz Gonzaga foi fundada em 20 de janeiro de 1902 com sede em Recife, capital do Estado de Pernambuco. As obras educativas se espalham em 8 estados da região nordeste do país: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

A obra missionária dos Salesianos na região amazônica teve início oficialmente em 1914 foi registrada com o nome de Inspetoria São Domingos Sávio com sede em Manaus, capital do estado do Amazonas.

No Brasil, das seis Inspetorias dos Salesianos de Dom Bosco, duas Inspetorias trabalham com os povos originários: a Inspetoria Santo Afonso Maria de Ligório com a sede em Campo Grande-MS e a Inspetoria São Domingos Sávio com a sede em Manaus-AM. Além de trabalhar com os povos originários, todas as inspetorias trabalham com processos educativos ligados à Educação Básica e/ou à Educação Superior. Por meio das inspetorias descritas neste item, percebemos a ampliação da presença da educação salesiana no nosso país.

2.2 Educação salesiana: especificidades e reflexões

Dom Bosco, ao identificar sua missão sacerdotal com os adolescentes e jovens que viviam nas ruas de Turim, nas prisões, entregue aos jogos, à fome, à miséria, a uma vida desprovida de dignidade humana, uniu a administração dos sacramentos com o compromisso social, em outras palavras: educar e evangelizar. Embora para Dom Bosco educar e evangelizar estavam associados, ou conforme Vecchi (2017, p. 135), “educar-evangelizar são dois projetos que, sem serem iguais se comunicam e preenchem reciprocamente”. Apesar disso, nesta dissertação nosso objeto de estudos é o processo educativo. Portanto, priorizaremos a discussão e análise de Dom Bosco como educador, ou seja, no que ele denominou de Sistema Preventivo e que se conhece recorrentemente como Educação Salesiana.

Assim, entendemos ser imprescindível explicitar em que consistem os significados das expressões, utilizadas por Dom Bosco e pelos educadores, estudiosos e pesquisadores da sua obra. De modo específico, nesta dissertação, nos interessam as expressões: Sistema Preventivo, Educação Salesiana, Pedagogia Salesiana, Salesianos de Dom Bosco, Carisma Salesiano e Família Salesiana.

Iniciamos explicitando o significado do Sistema Preventivo de Dom Bosco. Para isso, utilizamos Henz (1964, p. 232 *apud* Braido, 2008) que afirma:

[...] o [sistema] método preventivo é um modo de educar que previne a corrupção moral do aluno e a necessidade de punições. Exige do educador que esteja constantemente com o aluno, uma total dedicação à tarefa educativa, em uma vida juvenil rica, dinâmica, completa.

Neste sentido, podemos enfatizar esta perspectiva com Ferreira (2009, p. 7), que nos lembra que para Dom Bosco “o centro de tudo é a pessoa [...] o que interessa é a pessoa do jovem. O encontro pessoa a pessoa é tudo para Dom Bosco. Só assim se consegue aquele clima educativo de confiança mútua, imprescindível para a aplicação de seu sistema”.

Conforme Nanni (2014, p. 60), o Sistema preventivo “é o nome e sobrenome da educação salesiana”. Desta forma, explicitamos a compreensão de educação salesiana, ou seja, ela se expressa no sistema preventivo. Neste caso, o educador tem a tarefa de falar uma linguagem que chegue nos educandos, não de forma autoritária, mas de uma pessoa que lhes quer muito bem.

Ainda com base no autor, queremos enfatizar a dinamicidade do sistema preventivo bem como seu comprometimento com os jovens pobres.

O sistema preventivo não exige uma repetição servil do que foi feito por Dom Bosco. Antes, ele pede a coragem de fazer, nas diversas situações históricas de hoje, o que Dom Bosco fez no seu tempo. Dom Bosco não é um marciano que irrompe na história do seu tempo. A sua ação educativo-pastoral se conecta com a inexaurível tradição educativa e pedagógica cristã em favor dos jovens e das jovens, especialmente dos mais pobres. Ele amadureceu gradativamente a sua vocação educativa e o seu modo específico de ser cidadão, cristão, sacerdote. Todavia, é certo que após as primeiras experiências pastorais escolheu decididamente concentrar suas energias e sua atividade (sua mente, seu coração, suas forças) em favor da educação dos jovens pobres, abandonados e em perigo (Nanni, 2014, p. 113).

Em relação à questão da pedagogia do Sistema Preventivo, Nanni (2014, p. 14) aponta alguns elementos imprescindíveis da pedagogia salesiana, embora “poderíamos fazer um elenco circunstanciado dos ‘dispositivos’ usados por Dom Bosco na elaboração de um apropriado

‘pacote’ pedagógico”. O autor opta por expressar de forma mais ampla do que se trata a pedagogia salesiana. Conforme ele,

[...] vai desde a organização do ambiente à regulamentação da vida comunitária, de grupo, de massa, ao conjunto de atividades recreativas, lúdicas, físicas, culturais, religiosas, como os tempos de festa e a programação diária, semanal, periódica, anual. Inclui igualmente o vivo sentido de envolvimento, de corresponsabilidade, de participação de todos e de cada um na vida do centro educativo, o uso regular de momentos rituais, de espontaneidade, de divertimento. Serve-se de formas de comunicação de massa ou indireta, de comunicação interpessoal, direta, íntima (até a famosa “palavrinha ao ouvido”), etc. (Nanni, 2014, p. 17).

Segundo Braido (2008), a denominação Salesianos de Dom Bosco ocorre porque Dom Bosco não quis trabalhar sozinho no seu ousado projeto em prol da educação dos adolescentes e jovens. Com os jovens que começaram a frequentar o oratório, pensou em formar com eles uma força para realizar um desafio da caridade. No tempo dos estudos no Colégio Eclesiástico, Dom Bosco conheceu a trajetória do bispo da doçura e da caridade: Francisco de Sales. Assim, fundada em 1859 e aprovada em 1874 pelo Papa Pio X, como Pia Sociedade São Francisco de Sales, ficou mais conhecida como Salesianos de Dom Bosco.

É a partir da convivência no cotidiano, a partir da formação, do jeito de Dom Bosco educar, que os Salesianos aprenderam na prática o jeito salesiano de ser, de estar no pátio, na sala de aula, na Igreja, onde os jovens estão. O que é o carisma salesiano? Os salesianos caracterizam o carisma salesiano, como uma força que une, atrai e impele a fazer o bem dentro de um determinado estilo. Ou seja, o estilo de Dom Bosco.

Dom Bosco, a partir da adesão de alguns jovens, formou a Sociedade São Francisco de Sales, mais conhecida como Salesianos que iriam seguir com seu jeito de educar, olhando a realidade e as necessidades. A partir do carisma deixado por Dom Bosco, o jeito salesiano de ser, foram surgindo grupos que receberam o nome de Família Salesiana. Na carta de identidade da Família Salesiana, no Art. 38 diz:

[...] a comunhão da Família Salesiana fundamenta-se, além de no carisma comum e na mesma missão, também no conhecimento e apreço dos diversos Grupos que a compõem. De fato, a unidade não é uniformidade, mas pluralidade de expressões que convergem para um único centro (Villanueva, 2012, p. 65).

Dito isso, explicitamos que neste capítulo, por meio de pesquisa bibliográfica, vamos identificar a maneira de educar dos Salesianos de Dom Bosco. A partir do itinerário pedagógico e espiritual deixado por Dom Bosco, os salesianos foram vivenciando no decorrer dos tempos

e lugares a experiência desta forma de ensinar, educar e evangelizar. É importante dizer que estamos entendendo por experiência o que afirma Larrosa (2002, p. 21): “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”.

Neste sentido, reconhecemos, com Braido (2004), que as pessoas que optaram por vivenciar, experienciar e escrever sobre a pedagogia salesiana proposta por Dom Bosco não o fizeram/fazem de forma mecânica, simplesmente buscando repetir uma fórmula. Mas vivenciaram/vivenciam, experienciaram/experienciam, escreveram/escrevem porque, como Dom Bosco, se sentiram/sentem afetados pela dor de pessoas que viviam/vivem com privações que comprometiam/comprometem a sua dignidade humana. Reconhecendo que dignidade significa a satisfação das necessidades humanas materiais e a possibilidade de “desenvolver nossas capacidades como sujeitos criativos e produtores de realidades e mundos multicoloridos” (Rubio, 2022, p. 85, tradução minha).

É importante afirmar que Dom Bosco não pretendia deixar um método pronto. Seus pesquisadores, biógrafos e os salesianos que com ele conviveram foram sistematizando esta forma de educar que foi sendo recontextualizada e ressignificada no decorrer dos tempos (Braido, 2004; Nanni, 2014). Ressignificar quer dizer que os ensinamentos de Dom Bosco foram se “deslocando e ampliando [...] significados e seus efeitos produtivos” (Wortmann; Costa; Silveira, 2015, p. 35).

Quanto ao sistema preventivo, a especificidade converge para a presença marcada pela familiaridade, “a palavrinha ao pé do ouvido” (Nanni, 2014, p. 72), as orientações no cotidiano, e em tudo mostrando a força de todo o ambiente educativo. Conforme já apontamos anteriormente com Nanni (2014), também Sandrini (2018a, p. 98) reitera que “uma realidade forte do sistema educativo de Dom Bosco é o ambiente educativo. Por ambiente educativo, entende-se pessoas, estruturas físicas, normas, leis, modos de fazer que incidem sobre a vida de todos os que participam da comunidade educativa”. Dom Bosco soube congregar todos aqueles que acreditavam no poder da educação. A educação sozinha faz um pouco; a educação unida com tudo que realiza para o trabalho do bem comum pode transformar o ser humano no que ele tem de melhor.

Neste sentido, Sandrini (2018a, p. 74) afirma: “um educador verdadeiro é capaz de fazer uma análise da situação atual e de propor projetos a serem perseguidos pelas novas gerações”. Principalmente no caso de Dom Bosco, a preocupação com projetos que

melhorassem as condições de vida dos adolescentes e jovens. Dom Bosco foi este educador marcado pelo tempo e espaço em tal contexto e soube responder às realidades que os jovens enfrentavam em Turim, sobretudo os jovens que saíam do campo para a cidade em busca de condições de vida melhor.

Na busca de melhorar as condições de vida dos jovens, Dom Bosco, na sua capacidade de ir além do que olhos podem enxergar, os salesianos, os educadores, a comunidade educativa pastoral, reafirma o mote “com Dom Bosco e com os tempos e não com os tempos de Dom Bosco” (Viganò, 1995, p. 22). Isto quer dizer que o passar dos tempos não tira de cena as ideias de Dom Bosco educador, elas são sempre possíveis de serem atualizadas. Não é possível voltar no tempo de Dom Bosco, porém é possível olhar o passado e perceber nas suas experiências educativas, elementos que podem ser, conforme já dissemos, recontextualizados e ressignificados, que nos ajudam a continuar pensando a educação na perspectiva construída por ele.

A educação, na perspectiva de Dom Bosco, se dá na vivência cotidiana. A formação das pessoas é marcada pela reflexão e pelas experiências que educadores, educandos, famílias e comunidade vão realizando no decorrer das atividades. O processo educativo não está separado da vida cotidiana, ele ocorre na vida cotidiana e nas instituições.

Assim, Dom Bosco explicita a indissociabilidade entre a vida das pessoas e o processo da educação escolar. Neste sentido, mostra a atualidade das ideias de Dom Bosco, ao mesmo tempo que aproxima ele de autores que tanto histórica como contemporaneamente reivindicam uma educação articulada com a vida, uma educação para a justiça social e econômica e que, portanto, fortaleça a dignidade de todos os seres humanos.

2.2.1 Dom Bosco e a interlocução com educadores de ontem e de hoje

Neste item daremos destaque a autores que abordam o pensamento de Dom Bosco como algo fundamental para o processo educativo. Ressaltamos que não estamos preocupados com uma ordem cronológica, e sim com o objetivo de explicitar as reverberações que o pensamento de Dom Bosco provocou e provoca em diferentes tempos e espaços.

Neste sentido, iniciamos com Giuseppe Lombardo Radice (1879-1938), pedagogo, que publicou em 1920 um texto intitulado “É melhor Dom Bosco?”. Nele, lemos:

Dom Bosco. Era um grande que deveríeis procurar conhecer. No âmbito da Igreja foi o corretor do jesuitismo e, sem ter a estatura de Inácio, soube criar um imponente movimento de educação, restituindo à Igreja o contato com as massas, que ela estava perdendo. Para nós que estamos fora da Igreja e de qualquer igreja, ainda assim é um herói, o herói da educação preventiva e da escola-família. Os seus continuadores podem orgulhar-se disto. Da sua obra, nós podemos aprender alguma coisa para a escola laica. [...] Se a nossa escola não chegar a tanto, isto é, a ser centro ativo da vida juvenil, que liga a si os jovens no agir ou pelo menos na lembrança também depois que a deixaram; se a nossa escola não tiver os seus ex-alunos, como alunos agradecidos à mãe e desejosos de vez em quando de revê-la e de reviver com os seus companheiros os dias alegres do estudo e do trabalho escolar, ainda não será escola. [...] Dom Bosco! – salesianos, continuai o vosso trabalho. Nós, vossos adversários, vos saudamos com gratidão, porque vós e todos os outros dogmáticos, semelhantes ou diversos de vós, se trabalhardes com verdadeira fé, nos obrigareis – contra a vossa intenção – a reforçar as escolas (da primária às superiores) onde não se ensina uma fé e um dogma, mas todas as fés, a fim de adquirir fé em si mesmo (fé no pensamento) (Radice, 1920, p. 62-64).

Braido (2004) afirma que Dom Bosco não tinha a preocupação em ser um pedagogo que elaborasse de forma sistemática uma teoria sobre o sistema preventivo. Dom Bosco, de forma consciente, “experienciou e refletidamente adotou princípios, métodos e instituições que lhe permitiram dar aos jovens uma formação humana e cristã bastante completa, e indicar aos seus colaboradores uma proposta educativa orgânica e unitária” (Braido, 2004, p. 14).

Outro autor que enfatiza as contribuições de Dom Bosco para pensar a educação na contemporaneidade é Nanni (2014, p. 81-82). Ele assim se expressa:

Algumas características de Dom Bosco educador podem resultar ainda hoje particularmente instrutivas: 1) Seus dotes de iluminação nos momentos em que devia propor diretrizes para a vida que correspondessem às capacidades e disposições pessoais de cada um. 2) Sua guia autorizada e discreta nas dificuldades do contexto ambiental. 3) Sua solidariedade e proximidade nos sofrimentos interiores e nos momentos de crise do crescimento pessoal. 4) Sua capacidade de descobrir “vocações” livres e responsáveis para a sociedade civil e eclesiástica. 5) Seu empreendedorismo para instituir e criar estruturas de apoio e lugares concretos de liberdade. 6) Em particular, o tom de amizade com que Dom Bosco sempre procurou revestir sua relação educativa e sobre a qual muitas vezes insistiu com seus colaboradores, para que pelo menos vivessem uma dialética assinalada pela paternidade (Nanni, 2014, p. 81-82).

Em consonância com o que apontam os autores, lembramos que para Dom Bosco o educador é aquele que vive na presença dos educandos, uma presença rica de sentidos, de afetos, de familiaridade, de encontros. Ainda para Dom Bosco, o educador deveria fazer um exercício diário na construção da cultura do encontro. Além disso, deveria comprometer-se com a humanização no processo educativo tanto na sala de aula, no pátio, com as famílias e vice-versa, com a gestão da escola, com os legisladores e as políticas públicas. Dom Bosco fala dos educadores em um ambiente familiar com suas alegrias e desafios. Conforme Ferreira (2009,

p. 9), os educadores devem promover “um ambiente de familiaridade e respeito. O segredo da educação salesiana é essa familiaridade, que convive com o respeito”.

Dom Bosco gostava de chamar de casa os espaços educativos. As instituições educativas eram denominadas como casa, local onde as pessoas se encontram, fazem amigos, há respeito e em todas essas ações acontece o processo educativo. O pátio como educação informal, a capela como educação evangelizadora, a sala de aula como encontro formal. Construir e enfatizar essa cultura do encontro e, assim, estender para os outros ambientes educativos: escola, família, Igreja, a sociedade como um todo. A educação acontece em todos os ambientes. A educação salesiana comprehende e trabalha com a humanização, como Dom Bosco trabalhou e orientou os Salesianos e educadores para este trabalho diário (Braido, 2004).

Nesta perspectiva, lembramos Freire (2011, p. 131) que enfatizar a importância de o processo educativo comprometer-se com a humanização significa afastar-se de toda e qualquer forma de “coisificação”, do ser humano. Esse coisificado relatado por Freire (2011) é a forma como a sociedade tenta moldar o ser humano como objetos, todos iguais, agindo e pensando da mesma maneira, sem senso crítico, pouco reflexivo, sem curiosidade ou esperança, num formato fácil de manipular.

Neste sentido, trazemos novamente Braido (2004) para reafirmar que Dom Bosco tinha uma preocupação constante com as condições de vida digna para todos, ou seja, com a humanização de todos. De forma ainda mais atenta em relação aos adolescentes e jovens.

O Padre Miguel Rua, o primeiro sucessor de Dom Bosco à frente da Congregação Salesiana, disse certa vez que Dom Bosco “não deu passo, não pronunciou palavra, nada empreendeu que não visasse à salvação da juventude. Realmente tinha a peito tão somente as almas” (Rua, 1894, p. 35). Todos os empreendimentos, viagens, palestras, formações, que Dom Bosco participava, buscavam melhorar a formação dos jovens. Neste sentido, também Nanni (2014, p. 95) reconhece a preocupação e o compromisso de Dom Bosco com os jovens de sua época, principalmente os pobres:

Nos escritos de Dom Bosco, não faltam alusões explícitas aos males que afligiam a vida daquele tempo. Entretanto, a seu modo, dando a sua vida pela educação dos jovens pobres e expostos a perigos, dedicando-se ao apostolado da boa imprensa, trabalhou com vistas a um futuro melhor. Não se deixou levar por inúteis choramingas. Empenhou-seativamente, “perfilou-se” do lado do bem e da sua promoção de todas as maneiras possíveis. Em particular, trabalhou sempre confiando na possibilidade de uma educação preventiva que, não somente protegesse e conservasse os jovens longe do mal, mas que se antecipasse, estimulando as energias melhores dos meninos, dos jovens, dos educadores, da sociedade, para além de qualquer facção ideológica ou política.

Outro autor que ressalta a preocupação com o processo educativo de Dom Bosco com os adolescentes e jovens pobres é Azzi (2000, p. 222), que afirma: “transformar os meninos que vagavam pelas ruas em honestos cidadãos e operários competentes constituía a meta específica do projeto educacional de Dom Bosco, conforme ele enfatizou repetidas vezes nos últimos anos de vida”. O autor enfatiza que a obra de Dom Bosco “tinha uma meta marcadamente social” (Azzi, 2000, p. 222).

A preocupação com a educação que Dom Bosco nos mostra por meio de seus escritos e também de outros autores destaca que a educação salesiana acontece quando os ambientes e todas as atividades estão comprometidas com a formação dos estudantes. Isto quer dizer que todos os membros são responsáveis pela educação dos estudantes, ou seja, ela começa na portaria da escola e vai até a direção. Todos os ambientes são chamados a responder pela formação dos estudantes.

Nanni (2014, p. 42) nos lembra que em um dos seus escritos, Dom Bosco disse: “a educação é coisa do coração”. Dom Bosco, ao falar do seu modo de educar na perspectiva que ele criou do Sistema Preventivo, tem como objetivo superar, em qualidade e quantidade, medidas disciplinares. Conforme Nanni (2014), o Sistema Preventivo é justamente para evitar medidas disciplinares que visam a repressão, opressão e medo dos que as sofrem.

O próprio Dom Bosco em 1877, ao falar de educar, escreve que “dois são os sistemas usados na educação moral e cívica da juventude; repressivo e preventivo, ambos aplicáveis na sociedade civil e nas casas de educação” (Nanni, 2014, p. 44). Ele, Dom Bosco, optou, vivenciou e escreveu sobre o sistema preventivo. Conforme escreveu: “bater de qualquer modo, colocar de joelhos em posição dolorosa, puxar as orelhas e outros castigos semelhantes devem-se absolutamente evitar, porque são proibidos pelas leis civis, irritam muitos os jovens e aviltam o educador” (Bosco, 1877, p. 108).

Com isso o sistema preventivo não está negando a necessidade de disciplina, mas está evitando que ela se torne uma forma de opressão. Trouxemos Nanni (2014, p. 65) para explicitar como a disciplina é utilizada na perspectiva do sistema preventivo. Para o autor,

[...] quando é preciso corrigir, isso é feito “proativamente”, ou seja, usa-se o próprio erro, a falta, o ato de indisciplina, o conflito, como caminho “educativo”, de tal modo que a intervenção “disciplinar” não se dá em função punitiva, mas como momento de tomada de consciência individual ou de grupo, como restabelecimento de uma “ordem racional” para a utilidade comum e como estímulo à retomada pessoal de responsabilidade e ao próprio compartilhamento ativo com vistas ao bem “comum” (Nanni, 2014, p. 65).

Conforme Braido (2008), nos 46 anos de trabalho com os jovens, Dom Bosco em nenhum momento usou de castigos. Havia as correções, orientações, conversas a sós, conferências, os famosos “boa noite”, no qual sempre deixava uma mensagem sobre condutas, comportamentos, o poder da oração, a força dos sacramentos. Dom Bosco prezava pela disciplina, mas aquela que era necessária para a aprendizagem, para que os jovens aprendessem seu ofício, ou ainda para a música, teatro, entre outros. Todas as atividades inerentes ao processo educativo proposto por Dom Bosco deviam ser desenvolvidas com disciplina, com responsabilidade. Mas, apesar de cuidadoso, Dom Bosco educador não deixava a dimensão afetiva secundarizada. Ele afirma: “Observou-se que um olhar pouco amável sobre alguns produz mais efeito que um tapa. O elogio por uma coisa bem-feita, a repreensão pela transgressão, já é um grande prêmio ou um castigo” (Bosco, 1877, p. 64). Neste sentido, ressaltamos que Dom Bosco afirmava que o sistema preventivo não se dá exclusivamente pela razão, pois o afeto e a emoção são inerentes ao processo educativo. Para Dom Bosco, o sistema preventivo está calcado no tripé “razão, religião e *amorevollezza*”, questões que abordaremos no próximo item.

2.2.2 Dom Bosco e o sistema preventivo

Conforme já falamos anteriormente, Bosco (1877) não foi um teórico da educação. As práticas educativas desenvolvidas por ele é que deram origem às teorizações acerca do sistema preventivo, mas não havia primordialmente uma preocupação em sistematizá-la. Assim, por meio da prática educativa diária, Dom Bosco foi construindo seu sistema educativo. Para Dom Bosco, a educação se desenvolvia em síntese, por meio do tripé: razão, religião e *amorevollezza*.

No opúsculo sobre o Sistema Preventivo, Bosco (1877, p. 142) diz: “a prática do Sistema Preventivo apoia-se toda nas palavras de São Paulo que diz: ‘a caridade é paciente... tudo sofre, tudo espera, tudo suporta’” (1 Coríntios 13, 4-7). Dom Bosco, na sua experiência pedagógica a partir do sistema preventivo, afirmava que cada adolescente e cada jovem “tem um ponto acessível ao bem e que o primeiro empenho do educador é aquele de procurar a corda sensível do coração e fazê-la vibrar” (Lemoyne, 1905, p. 367).

Para Dom Bosco, é no cotidiano das atividades educativas que o tripé salesiano deve acontecer, ou seja, a razão, religião e *amorevollezza*. E mais, para Dom Bosco não são partes separadas, mas o arcabouço completo de uma ação pedagógica.

No decorrer deste item, vamos descrever cada um destes pontos do tripé, que são fundamentais para o Sistema Preventivo.

O que Dom Bosco entende por razão? Ferreira (2009, p. 15) afirma inicialmente que “a afetividade deve deixar-se guiar pela razão”. O autor continua esclarecendo que “por razão aqui não se entende a fria racionalidade dos filósofos e cientistas, mas principalmente a compreensão do que acontece e o bom senso. Usar da razão é ser razoável” (Ferreira, 2009, p.15).

No sistema preventivo, no campo da razão, cabe aos educadores tornar conhecidos as prescrições e os regulamentos de uma instituição educativa e depois ir ajudando os jovens na sua observância para o crescimento pessoal. Os educadores falam, guiam, aconselham, corrigem com amor, num clima de familiaridade. Segundo Nanni (2014, p. 30), “hoje, mais do que nunca, a primeira tarefa do educador é a de estar presente e de não se ausentar do campo onde está sendo jogada a partida educativa”.

É notável como Dom Bosco valorizava a liberdade do jovem, a curiosidade do adolescente, a busca constante em entender as coisas. O educador é chamado a dar razões claras e objetivas para todas as ações que forem realizar. No tripé educativo do sistema preventivo, a razão é o termômetro no qual une a religião e a *amorevollezza*. É como se fosse uma engrenagem para o uso da máquina.

Conforme já destacamos na presente dissertação, Dom Bosco não foi um teórico da educação, mas tinha sensibilidade e visão para perceber as necessidades das pessoas e as mudanças necessárias para que a sociedade de seu tempo, proporcionasse uma vida mais digna às pessoas. Seu olhar se fixou principalmente nos adolescentes e jovens.

Dom Bosco estabelece com os jovens de sua comunidade um binômio inseparável, que caracterizará sua pedagogia, escorada no tripé razão-religião-afeto. Em ligação com as reflexões sobre a complexidade, pode-se dizer que para Dom Bosco é impossível uma educação apenas com uma visão unidimensional. Ele não simplifica a educação porque vê o jovem em suas diversas dimensões. De forma resumida, podemos dizer que ele é uma cabeça (razão), um coração (*amorevollezza* – afeto) e um joelho (religião) a serem educados (Soffner; Sandrini, 2012, p. 167).

Assim, para Bosco (1877, p. 385) “o educador deve convencer-se de que todos ou quase todos esses caros jovens tem uma inteligência natural para conhecer o bem que lhes é feito, e um coração sensível facilmente aberto ao reconhecimento”. Para este educador, a razão deve ser desenvolvida e utilizada, primordialmente, para fazer com as ações, que dela derivam, contribuam para o desenvolvimento de si próprio e o do outro.

Na arquitetura do Sistema Preventivo de Dom Bosco, temos mais um desenho que o sustenta: a religião. A palavra “religião” deriva do latim *religare*, religar, voltar a ligar. Só se pode falar em religião, estritamente, quando aparece uma organização complexa, espiritual e social, com base numa revelação de Deus.

Dom Bosco cresceu num ambiente religioso. A figura materna de sua mãe foi decisiva para a formação do homem que se tornou depois. O ambiente familiar marcado por forte carência de bens materiais, mas rico de humanidade, de fé, no cotidiano de suas atividades no campo, a difícil arte de aprimorar os estudos e a saída cedo de casa para ir em busca do sonho, ser um padre diferente. Dom Bosco traz estas reflexões nas *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales* (2018).

O significado para a dimensão religiosa do ato educativo na perspectiva de Dom Bosco nos é explicado por Braido (2004, p. 235), segundo o qual “a educação, na sua essência, tende a transportar para o mundo religioso do jovem a síntese vital de amor e temor que constitui a relação correta de quem crê com o seu Deus Criador e Senhor”. Além disso, o autor destaca que no aspecto religioso deve-se manter o “delicado equilíbrio do ‘amar mais do que temer’, fundamento tanto da ‘espiritualidade’ quanto da ‘pedagogia’” (Braido, 2004, p. 235). Passos Júnior (2011, p. 94) traz uma importante contribuição na sua tese quando afirma:

[...] a Religião com seus ensinamentos e preceitos oferecia a mística da verdade abraçada pela razão. Valoriza sobremaneira a conversa pessoal e o aconselhamento de um guia espiritual para moldar e formar o bom cristão. A religião é vista como fonte e sustentáculo dos grandes ideais de vida. A Bondade [*amorevollezza*], ainda que sempre nomeada em terceiro lugar, após a razão e a religião é, porém, a primeira a ser sentida pelo jovem ao perceber o respeito e amor com que é acolhido. Não é uma forma afetiva pegajosa, mas, temperada pela razão e sobriedade. O jovem deve se sentir compreendido naquilo que é e do que gosta, sabendo-se respeitado no seu modo de ser e, acima de tudo, percebendo-se amado.

Bosco (1877, p. 54) destaca sobre a religião que “a confissão frequente, a comunhão frequente, a missa cotidiana são as colunas que devem sustentar um edifício educativo, do qual se quer afastar a ameaça e a vara”. Além disso, Dom Bosco alerta que os jovens não devem ser entediados ou obrigados a frequentar os sacramentos; devemos cuidar para que se encantem e sintam-se incentivados e confortáveis em frequentá-los. Porém, quando se trata de exercícios espirituais, ou ainda de “novenas, pregações, catecismo, cuide-se de mostrar a beleza, a grandeza, a santidade daquela religião que propõe meios tão fáceis, tão úteis à sociedade, à tranquilidade do coração, à salvação da alma como são, justamente, os santos sacramentos” (Bosco, 1877, p. 54-56). Concluiu Dom Bosco que “os meninos são espontaneamente

envolvidos e estimulados a participar destas práticas de piedade, e o farão de boa mente com prazer e fruto” (Bosco, 1877, p. 54-56).

A partir das práticas dos sacramentos, Dom Bosco foi aos poucos ensinando atitudes habituais e comportamentos de piedade cristã, disposição para a oração e sensibilidade devocional. Entre as devoções, ocupa lugar privilegiado a devoção à Virgem Mãe. Com efeito, a devoção à Maria é o sustentáculo de todo fiel cristão.

Segundo Nanni (2014, p. 34),

Dom Bosco assinalava os tempos e as estações com as festas religiosas e civis, bem sabendo, pelo menos intuitivamente, que celebrar, fazer festa, sustenta o moral (fazendo “memória”), confere sentido de pertença (ajuda a sentir que se é povo), faz experimentar, tocar com a mão, palpar o mistério, o invisível, o algo a mais que os dias comuns não nos dão tempo de captar e provar, faz-nos sair da missa dominical e recomeçar a segunda-feira com mais coragem e animação.

A religião no sistema preventivo é educativa, amável, alegre, otimista, traz a boa nova do Evangelho. Dom Bosco traz para o seu ambiente educativo, com adolescentes, jovens e educadores, a força desta coluna que marca o alicerce na educação e evangelização.

No sentido de entendermos o sistema preventivo, buscamos explicitar, neste momento, o último termo do tripé, denominado *amorevollezza*. É uma palavra italiana que não tem uma tradução mais precisa, mas, pela prática de seu uso, pode-se dizer que significa bondade, afeto, amabilidade.

Segundo Braido (2004, p. 269),

[...] no vocabulário italiano familiar a Dom Bosco, a palavra *amorevollezza* não se identifica com amor, nem indica a virtude teologal da caridade, pertence ao mundo da revelação cristã. O termo indica mais um cacho de pequenas virtudes relacionais, atitudes ou comportamentos entre pessoas, que se revelam virtudes relacionais, atitudes ou comportamentos entre pessoas, que se revelam em palavras, gestos, ajudas, dons, sentimentos de amor, de graça e de cordial disponibilidade.

A *amorevollezza* é o amor educativo, é amor demonstrado. Os educadores estão ao lado dos educandos, disponíveis a partilhar com amor aquilo que é objeto de aprendizagem.

Para Braido (2004, p. 269), “na linguagem religiosa, a *amorevollezza* indica o visível amor misericordioso e aconchegante humano-divino de Cristo”. Ainda sobre *amorevollezza*, nos diz Braido (2004, p. 273):

[...] certamente levar a *amorevollezza* para com os jovens ‘pobres e abandonados’, é sentimento da misericórdia. Na sua raiz está a pena pelos males e desventuras dos

jovens irmãos, que se encontram no cárcere ou são vistos vagabundeando pelas ruas da cidade.

Neste sentido, o sentimento de misericórdia percebe as necessidades da pessoa que se encontra vilipendiada em sua humanidade.

Dom Bosco, recém-ordenado ao caminhar pelas ruas de Turim, viu os jovens nas ruas entregue aos jogos de azar e tantos outros vícios. Na tenra idade, muitos estavam ocupados em não fazer nada. E quando visita o presídio, seu coração bateu mais forte. Ainda ressalta a necessidade de se trabalhar intensamente para que os jovens não cheguem a situações extremas de vícios nas ruas, entre outras formas de sofrimentos. Dom Bosco sempre ressaltou a necessidade de se trabalhar preventivamente para não houvesse a necessidade de os jovens serem punidos e assim carregassem bons sentimentos pela vida afora.

Braido (2004, p. 274) detalha as mazelas que a sociedade pode produzir em relação aos grupos humanos: “esmola, material e espiritual, educação e reeducação, respondem a uma aguda sensibilidade para a presença das mais variadas formas de pobreza, as misérias do corpo e do espírito, com a solicitude de enfrentá-las, com amor e *amorevollezza* correr atrás de alimento, roupa, moradia, instrução; avisar, aconselhar, corrigir, consolar, dirigir”.

Amorevollezza não é sentimentalismo, não é ter preferências, gostar ou dar atenção aqueles que não me dão trabalho. Como educador, a função que você exerce na comunidade educativa é dialogar, acolher, interagir com todos que lhe foram confiados.

Em uma carta, Dom Bosco escreve a Dom Cagliero, primeiro missionário junto com os outros salesianos na primeira expedição para a terra da Patagônia. Cagliero se tornará o primeiro salesiano bispo e depois cardeal. Segundo Bosco (1877, p. 328), “caridade, paciência, docura, nunca repreensões humilhantes, jamais castigos, fazer o bem a quem se pode, mal a ninguém”.

O amor educativo de Dom Bosco aparece de forma muito clara numa carta do Padre Paulo Albera, aluno de Dom Bosco e seu segundo sucessor como Reitor Mor dos salesianos, após o reitorado do Padre Miguel Rua. Cito uma parte da carta escrita por Albera (1922, p. 340-342), em que ele diz vivamente do amor de Dom Bosco pelos seus alunos:

Dom Bosco nos amava de forma única, tipicamente sua: provava-se por ele um fascínio irresistível, que a língua não consegue traduzir para fazê-lo compreender a quem não teve oportunidade de experimentá-lo; nem mesmo a fantasia mais criativa saberia representá-lo com imagens adequadas para fazer dele uma ideia. Ainda agora tenho a impressão de provar toda a suavidade desta sua predileção para comigo quando joventinho: eu me sentia como que prisioneiro de uma potência afetiva que

me alimentava os pensamentos, as palavras e as ações; hoje, porém, não saberia descrever melhor esse estado de alma, que era também o dos meus companheiros daquele tempo. [...]. Eu sentia que era amado de uma forma jamais provada antes, que nada tinha a ver nem mesmo com o amor vivíssimo que me dedicavam meus inesquecíveis pais. O amor de Dom Bosco por nós era algo singularmente superior a qualquer outro afeto: ele nos envolvia a todos e inteiramente, numa atmosfera de contentamento e de felicidade, da qual eram banidas todas as penas, tristezas, melancolias. [...]. Seu amor atraía, conquistava e transformava os nossos corações! [...]. Tudo nele possuía para nós poderosa atração: seu olhar penetrante e às vezes mais eficaz do que uma pregação; um simples movimento de cabeça; o sorriso que lhe aflorava perenemente sobre os lábios, sempre novo e variadíssimo e, todavia, sempre sereno; a flexão da boca como quando se quer falar sem pronunciar palavras – as próprias palavras cadenciadas de um modo mais do que de outro; o porte da pessoa e seu modo de andar elegante e desenvolto: tudo isto agia sobre os nossos corações juvenis como um ímã ao qual era impossível resistir; mesmo que tivéssemos podido, jamais o teríamos feito, nem por todo o ouro do mundo, de tal maneira éramos felizes por este seu singularíssimo ascendente sobre nós, que nele era a coisa mais natural, sem nenhum esforço ou afetação. Ele nos atraía a si pela plenitude do amor sobrenatural que ardia em seu coração e que com suas chamas absorvia, unificando-as, as pequenas centelhas do mesmo amor, suscitadas em nossos corações pela mão de Deus.

Dom Bosco foi um homem marcado por uma humanidade que valoriza o outro, por ser outro, por valores que perpassam a tradição cristã. O humano está em ti e em cada pessoa que encontra e em especial na pessoa do jovem, dos jovens. A educação pensada e vivenciada por Dom Bosco é aquela que incentiva o desenvolvimento daquilo de melhor que existe em cada um deles. Segundo Vecchi (2017, p. 196), “quando dizemos pessoa, dizemos coração, mente, desejos, gostos, ocupação, amizades”.

Para Dom Bosco, a educação deveria ocorrer sempre nas três dimensões: razão, religião e *amorevollezza*. Na sua prática, Dom Bosco sempre primou por uma educação que não secundarizasse nenhuma dessas dimensões. Villanueva (2007) refere-se à educação praticada por Dom Bosco da seguinte maneira:

[...] a dimensão cognitiva: conhecer, pensar criticamente, conceitualizar, julgar; Dom Bosco diria “razão”. A dimensão afetiva: provar, fazer experiência, criar amizade, empatia; Dom Bosco diria “bondade”. A dimensão volitiva comportamental ativa, eticamente motivada: fazer escolhas e ações, pôr em ação comportamentos orientados; Dom Bosco diria “religião” (Estreia, 31 de dezembro de 2007) (Villanueva, 2007, s.p.).

O Sistema Preventivo de Dom Bosco não é uma teoria que se busca aplicar na prática, mas é na convivência, no diálogo, no estar próximo, que vai se construindo um jeito de educar (Braido, 2004). Trata-se de um jeito de o educador se fazer presente junto aos seus educandos, crianças, adolescentes e jovens (Castro, 2006).

Finalizamos este capítulo lembrando que o nosso tema de pesquisa é analisar as concepções de educação de professores que atuam em uma escola salesiana e a presença, ou não, do pensamento de Dom Bosco nestas concepções. Para tanto, no próximo capítulo apresentaremos a nossa ida ao campo empírico da pesquisa, bem como a análise dos dados coletados no campo em diálogo com os autores utilizados neste trabalho.

3 A IDA AO CAMPO: O ENCONTRO DIALÓGICO COM OS PROFESSORES E PROFESSORAS

Conforme explicitado na Introdução, a maior parte da minha caminhada como sacerdote salesiano foi na escola. Neste momento da pesquisa em que retorno à escola para coletar os dados da pesquisa junto aos professores, ocorrem-me sentimentos que há tempos estavam adormecidos. Ou seja, retornar a este ambiente, um colégio salesiano, me faz reviver inúmeras lembranças alegres e desafiadoras. Este espaço de convivência, socialização, encontro de pessoas de diversas culturas e gerações sempre foi considerado por mim e pelos autores que utilizei nesta dissertação, muito enriquecedor. Como pesquisador neste momento, mobilizame a alegria e a curiosidade de encontrar e ouvir professores que atuam em um colégio salesiano.

Deste modo, inicio trazendo os participantes da minha pesquisa. No Quadro 3 apresento os dados de identificação dos professores e professoras entrevistados, que pertencem ao colégio escolhido para a pesquisa e que atenderam aos critérios estabelecidos.

Quadro 3 – Dados dos professores entrevistados²

Professor(a)	Idade	Formação	Tempo que trabalha na escola	Turmas ou níveis que trabalha	Disciplina
Ana	49	Licenciada em Educação Artística	6 anos	Ensino Fundamental Do 6º. ao 9º. Ano	Arte
Bárbara	45	Licenciada em Biologia	20 anos	Ensino Fundamental Do 6º. ao 9º. Ano	Biologia
Bismark	52	Licenciado em Ciências Biológicas	32 anos	Ensino Fundamental Do 6º. ao 9º. Ano	Matemática
Elisa	49	Licenciada em Educação Física	23 anos	Ensino Fundamental Do 6º. ao 9º. Ano	Educação Física
Felipe	55	Licenciado em Filosofia / História / Pedagogia	30 anos	Ensino Fundamental Do 6º. ao 9º. Ano	Sociologia / Filosofia
Geraldo	34	Licenciado em Geografia	4 anos	Ensino Fundamental Do 6º. ao 9º. Ano	Geografia
Lara	30	Licenciada em Letras	1 ano	Ensino Fundamental Do 6º. ao 9º. Ano	Língua Portuguesa/ Redação
Tiago	27	Em andamento com a graduação da Teologia (Bacharel)	Iniciou este ano em 2024	Ensino Fundamental Do 6º. ao 9º. Ano	Ensino Religioso
Tânia	44	Bacharel em Processo de Dados e Docência em Sistemas de Informação	8 anos	Ensino Fundamental Do 6º. ao 9º. Ano	Robótica

Fonte: Minha autoria.

Conforme explicitamos no primeiro capítulo, nossa pesquisa é de abordagem qualitativa. Neste capítulo, em consonância com a abordagem qualitativa, faremos a análise dos dados empíricos em diálogo com os autores e autoras que utilizamos, articulados com os objetivos estabelecidos na pesquisa.

Após as entrevistas, efetuamos a transcrição delas para procedermos à categorização dos dados e a análise. As categorias foram estabelecidas com base no que Bogdan e Biklen (1994) sugerem para a pesquisa qualitativa, ou seja, após a transcrição, a leitura e releitura atenta das entrevistas, vamos sinalizando frases, palavras, pensamentos, relatos de acontecimentos que “repetem-se ou destacam-se” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 16) e, portanto, possuem significado relevante nas falas dos entrevistados e vão se constituindo em categorias de análise da pesquisa.

² O nome dos professores e professoras são fictícios, porque a pesquisa requer o anonimato dos participantes.

Também entendemos que é relevante lembrarmos com Minayo (2012, p. 624-625), que

A compreensão propiciada pela leitura atenta, aprofundada e impregnante que deu origem às categorias empíricas [...], deve merecer um novo processo de teorização. Pode ocorrer que as referências teóricas que constituíram balizas fundamentais para o início da investigação não sejam suficientes para contemplar a interpretação dos achados de campo.

Ou seja, conforme Minayo (2012, p. 623), estamos cientes que a análise dos dados nos levou a ampliar nossas leituras, sempre coerentes com o nosso marco teórico.

Com base no que afirmam os autores, emergiram do campo cinco categorias que foram analisadas neste capítulo. São elas:

- a) Ser professor em uma escola salesiana: um processo educativo para além da sala de aula.
- b) Educação salesiana: acolhimento e respeito.
- c) Dom Bosco e o processo educativo: a escola como casa para o encontro e o diálogo.
- d) A presença das ideias de Dom Bosco na atuação dos professores: a importância de cada estudante na sua singularidade.
- e) Formação continuada na escola: o que dizem os professores?

As categorias são analisadas separadamente, embora estejam profundamente imbricadas umas nas outras. A separação é somente para possibilitar um maior aprofundamento na análise, que passaremos a apresentar. Porém, antes de iniciarmos o diálogo mais direto com os entrevistados, traremos alguns aspectos do colégio pesquisado a partir das informações fornecidas pelo Coordenador Pedagógico e pelas observações que efetuamos da arquitetura quando das idas ao colégio para as entrevistas.

A ida ao colégio e o diálogo foram oportunidades riquíssimas de poder ouvir os professores e professoras falarem da alegria de ensinar e educar as crianças e os adolescentes. Um momento marcante, que levarei comigo onde eu for.

O colégio pesquisado localiza-se na região Centro Oeste do país e começou suas atividades por volta de 1930. Conforme já dissemos, ele pertence à congregação salesiana. Segundo as informações fornecidas pelo Coordenador Pedagógico, o colégio funciona em dois turnos: matutino e vespertino. Conta com aproximadamente 900 alunos que vai da Educação Infantil ao Ensino Médio. O número de turmas atendidas está apresentado no Quadro 4:

Quadro 4 – Número de turmas atendidas no colégio pesquisado³

Série	Turmas	Turno
Maternal I	1	Vespertino
Maternal II	1	Matutino
Maternal II	1	Vespertino
Infantil I	1	Matutino
Infantil I	1	Vespertino
Infantil II	1	Matutino
Infantil II	1	Vespertino
Infantil III	1	Matutino
Infantil III	1	Vespertino
1º Ano – Fundamental	1	Matutino
1º Ano – Fundamental	1	Vespertino
2º ano – Fundamental	1	Matutino
2º ano – Fundamental	1	Vespertino
3º ano – Fundamental	1	Matutino
3º ano – Fundamental	1	Vespertino
4º ano – Fundamental	2	Matutino
4º ano – Fundamental	1	Vespertino
5º ano – Fundamental	2	Matutino
5º ano – Fundamental	1	Vespertino
6º ano – Fundamental	2	Matutino
6º ano – Fundamental	1	Vespertino
7º ano – Fundamental	2	Matutino
7º ano – Fundamental	1	Vespertino
8º ano – Fundamental	2	Matutino
8º ano – Fundamental	1	Vespertino
9º ano – Fundamental	2	Matutino
9º ano – Fundamental	1	Vespertino
1ª Série – Ensino Médio	2	Integral
2ª Série – Ensino Médio	2	Integral
3ª Série – Ensino Médio	2	Integral

Fonte: Minha autoria.

Todas as salas possuem equipamentos tecnológicos e aparelhos de ar-condicionado. Desde 2018, o colégio conta com o laboratório de robótica com uso regular dos alunos do Ensino Fundamental – anos finais. Nos últimos anos, a escola passa por uma reforma profunda em seus ambientes físicos e mobiliários, com o objetivo de possibilitar para toda a comunidade educativa mais conforto e comodidade, segundo o coordenador pedagógico.

O colégio tem um amplo espaço para a convivência, recreação e atividades físicas, espaço este, denominado de pátio, conforme reiterava Dom Bosco. Neste sentido, lembramos a importância que Bosco (2018) atribuía ao “pátio” como local de encontro das crianças, jovens,

³ Dados informados pelo Coordenador Pedagógico em 23 de abril de 2024.

adolescentes, professores, diretores, entre outros. O colégio tem ainda uma capela para as acolhidas diárias antes de começar as aulas, também para as festas salesianas e a missa dominical.

No colégio, além dos professores que atuam em sala de aula, há também aqueles que trabalham na direção, coordenação e orientação pedagógica, que acompanham o trabalho dos professores e estudantes. Também tem pessoas responsáveis, além dos professores, por acompanhar os estudantes no pátio e na recepção.

Lembramos que o objetivo, a missão e a visão de cada presença salesiana, conforme Dom Bosco, é a formação em todas as dimensões da vida de cada pessoa que passe a fazer parte do ambiente salesiano (Nanni, 2014). Esta formação, conforme já apresentamos no capítulo segundo desta pesquisa, está articulada com o Sistema Preventivo.

Lembro que nos últimos anos, conforme escrevi na Introdução deste trabalho, tenho me dedicado mais à formação dos seminaristas e ao sacerdócio. Portanto, retornar me fez perceber que este ambiente não só trabalha com educação, mas respira a educação. É vivenciar o sonho e a luta de Dom Bosco e todos aqueles que vieram depois dele, como vimos nos capítulos primeiro e segundo desta dissertação. Percebo, ao chegar no colégio, que o sonho se tornou realidade e segue vivo em cada educador e educadora salesiana. Segundo Nanni (2014, p. 16), “a ação de Dom Bosco se enraíza numa opção pessoal de fundo, objetivada a fazer o bem, no sentido mais amplo do termo... encontrou sua ‘forma’ na educação e na preocupação pela condição e pelos problemas vitais dos jovens com que ele veio a se encontrar”.

3.1 Ser professor em uma escola salesiana: um processo educativo para além da sala de aula

Iniciamos este item lembrando o que refletimos nos primeiros capítulos desta pesquisa: ressaltávamos, com base em diferentes autores, que o professor inserido em uma instituição salesiana, no caso desta pesquisa, em um colégio salesiano, está envolvido, ou deveria estar envolvido, com o Sistema Preventivo expresso no tripé razão, religião e *amorevollezza*, conforme pensava Dom Bosco. Embora a educação salesiana tenha uma abordagem profundamente religiosa, Vecchi (2017, p. 143), que é um pensador salesiano, nos lembra que “ser educador requer profissionalismo e aplicação paciente à missão. A educação é um trabalho específico; para realizá-lo não basta boa vontade”.

O que afirma Vecchi (2017) vem ao encontro do que aponta Freire (1991, p. 58), quando diz: “ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”. Neste sentido, enfatizamos que as entrevistas aqui apresentadas foram feitas com pessoas que escolheram a profissão de professor. Nos interessa saber se o fato do profissional professor estar inserido em uma instituição salesiana traz marcas nas suas concepções e para sua atuação.

Conforme já dissemos, neste terceiro capítulo iremos dialogar com os professores a partir de suas concepções, de suas vivências na sala de aula e no pátio onde se encontram as crianças, os adolescentes, os jovens, ou seja, a comunidade educativa.

Queremos reafirmar nossa posição de quem dialoga e escuta os professores, na perspectiva que aponta Freire (1996), quando diz que “escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente, por parte do sujeito que escuta, para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro” (Freire, 1996, p. 135).

Neste sentido, iniciamos apresentando o professor Geraldo, para quem o colégio salesiano sempre foi uma referência, mesmo antes de atuar como professor na instituição. Quando perguntamos sobre o que significava ser professor em um colégio salesiano, ele fala: “Na realidade sempre foi o objetivo desde que pensei em ser professor. Um colégio quase centenário. Desde adolescente um colégio sempre bem visto. Quando surgiu a oportunidade, substitui um amigo. Ele me indicou. Fiz o teste e estou aqui [ministrando aulas no colégio salesiano]” (Geraldo). A professora Elisa faz sua fala no mesmo sentido e acrescenta: “Ser professora é transformar a vida de outras pessoas. Ser professora no Salesiano, para mim, uma realização. A formação religiosa é importante, o que diferencia das outras escolas, formação pessoal, pastoral, religiosa, espiritual. Isso faz a diferença na escola” (Elisa).

Conforme Nanni (2014), educar em uma perspectiva salesiana é estar comprometido com cada estudante que o professor entra em contato. Ou seja, para o autor o trabalho do professor é com pessoas com suas histórias, suas vidas e isso é essencial. Neste sentido, trouxemos a fala do professor Tiago, que demonstra que sua atuação está em consonância com a perspectiva salesiana apontada por Nanni (2014). Ele afirma: “Ser professor numa instituição salesiana, significa, que sou um exemplo para os alunos, ter muito cuidado, calcular bem o que vou falar com os alunos, para ser um exemplo para os alunos” (Tiago).

Os professores destacam os aspectos do ““cuidado formativo’ [...] dos jovens [...] o de despertar e cultivar o próprio coração e renovar continuamente a própria intencionalidade educativa de fundo e reforçá-la, se necessário” (Nanni, 2014, p. 42). Neste sentido, também a professora Lara se sente comprometida com o processo educativo dos estudantes. Ela diz: “Ser professora para mim é o impactar vidas. É minha grande missão. Não só passar conteúdo, mas afetar a vida do aluno. [...] Uma responsabilidade muito maior do que só passar conteúdo” (Lara).

Neste sentido, Freire (1996, p. 163) nos lembra que ser professor envolve pessoas, diz o autor:

[...] lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna.

A fala do professor Tiago enfatiza esta questão apontada por Freire (1996) e já amplamente demonstrada no pensamento de Dom Bosco, ou seja, “estar em sala de aula é carregar um pouco do amor dos seus alunos no coração” (Tiago).

O que dizem os professores Lara e Tiago lembra a afirmação de Freire (1996, p. 164-165): “Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos”.

Uma educação que ultrapassa a sala de aula e trabalha para a formação em todas as dimensões da vida de cada criança, adolescente e jovem. Neste sentido, o Sistema Preventivo acontece diariamente na prática e cada educador que nos forneceu a entrevista, pois demonstram estar preocupados em construir mais uma página da história da educação salesiana. Nesta perspectiva, a fala da professora Tânia ratifica o que dissemos. Conforme seu relato, “ser professor é você trabalhar além da sala de aula. O olhar nosso, atenção, e assim, dentro de uma instituição católica, eu acho que, pela formação cristã, eu posso falar com eles sobre a religiosidade, então pra mim tem esse diferencial” (Tânia).

As entrevistas mostraram que o ambiente salesiano marca a vida dos professores que vivenciam a experiência profissional neste ambiente. O professor Felipe inclusive afirma que a experiência positiva vivida no colégio salesiano serve de referência também para sua atuação na escola pública. Segundo ele, “já fui vários anos, professor na rede pública e na rede salesiana desde o começo da minha vida. Mas eu levei para a rede pública o que vivo na rede salesiana”.

Neste sentido, o professor Felipe explicita uma “pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade”, do educando, conforme afirma Freire (1996, p. 11). Pois o professor demonstra o compromisso com a educação em todos os ambientes em que atua. Reconhece que todo o estudante merece respeito e compromisso por parte do professor.

Um professor que não leva a sério sua prática docente, que, por isso mesmo, não estuda e ensina mal o que mal sabe, que não luta para que disponha de condições materiais indispensáveis à sua prática docente, se proíbe de concorrer para a formação da imprescindível disciplina intelectual dos estudantes. Se anula, pois, como professor (Freire, 1999, p. 83).

Ou seja, juntamente com os autores utilizados nesta pesquisa, ressaltamos que a prática docente do professor deve ser amorosa e comprometida com a formação integral dos estudantes.

A professora Ana se expressa de modo semelhante aos outros entrevistados quando afirma em relação aos estudantes: “Um olhar diferente para cada um deles. Isso é ser professora para mim. Tem que gostar muito. E ser professora numa instituição salesiana é a melhor coisa do mundo, que aqui, eu tenho retorno emocional” (Ana). A professora Ana diz algo que vem ao encontro do que defende Freire, ou seja, de que “a competência técnico científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas” (Freire, 1996, p. 11).

Neste sentido, podemos aproximar o pensamento freireano do pensamento de Dom Bosco, pois ambos defendem a educação como um ato em que o amor pelos seres humanos deve estar presente. E podemos dizer que todos os professores entrevistados, com mais ou menos ênfase, demonstraram reconhecer que a amorosidade é um componente fundamental para a educação.

3.2 Educação salesiana: acolhimento e respeito

Aqui, analisaremos dois aspectos importantes da educação salesiana na sua forma de atuar: o acolhimento e o respeito.

Iniciamos trazendo a fala do professor Geraldo, quando ele ressalta a importância do respeito e do acolhimento: “Há um respeito recíproco. É uma escola que ouve os pais. É bem dosada essa questão dos limites, do respeito com os professores. Respiramos um clima de família. Todos que chegam na escola são bem acolhidos. Recebem esse acolhimento do porteiro ao diretor” (Geraldo).

Este professor aponta algo fundamental para o processo educativo, comprometido com o acolhimento e respeito, que é ouvir as pessoas. Ou ainda, possibilitar que todos possam dizer sua palavra, professores, estudantes, familiares, entre outros. Freire (2011, p. 17) lembra: “Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana”.

Neste sentido, reiteramos que o respeito e acolhimento enfatizado por Bosco (2018) é a forma como ele encontra de que os meninos com os quais ele desenvolvia o processo educativo se sentissem importantes, se sentissem seres humanos. Aqui novamente trouxemos a importância da educação humanizadora, para a qual o respeito e o acolhimento são imprescindíveis.

Dom Bosco sempre ressaltou a importância de criar um ambiente acolhedor e trabalhou com esse objetivo: “criar e sentir um clima de família”. Braido (2004, p. 279) utiliza a expressão “família” educativa. Caviglia (1985, p. 141) afirma: “Dom Bosco queria que fosse uma família, e não um colégio”.

Segundo Nanni (2014, p. 72),

[...] o próprio pátio não foi e não é considerado como um ambiente à parte, separado dos demais. Dom Bosco cobriu de frases os muros do pórtico do pátio de Valdocco: os muros deviam educar! Com essas frases, ele comunicava suas intenções educativas, criava cultura. O pátio era animado pelos salesianos e leigos educadores que jogavam, passeavam, conversavam, gritavam, corriam junto com os meninos.

Pensar na educação escolar como se fosse uma família (Caviglia, 1985) é acolher, é respeitar. Mas o acolhimento traz outras contribuições, conforme destacam Dias, Gontijo e Matias (2022, p. 3):

[...] o acolhimento realizado pela instituição é o primeiro passo para formação de vínculo entre os estudantes e com a escola. São esses vínculos que aproximam o estudante do ambiente escolar enquanto espaço de formação social no qual o sentimento de pertencimento colabora para sua permanência, favorece o diálogo, a compreensão da realidade e fomenta a sua participação.

Com relação aos valores em educação, ressaltamos que a luta contra toda a forma de opressão, a denúncia de todas as formas de desumanização, é o valor mais importante do processo educativo humanizador (Freire, 1993a). Ou seja, educação humanizadora é aquela que como educador “eu sou responsável na minha prática educativa no sentido de ajudar-me e ajudar os outros a ser mais” (Freire, 1993a, p. 11).

Por sua vez, Streck, Redin e Zitkoski (2008, p. 380) trazem a reflexão sobre o “ser mais” na literatura freireana e o que essa categoria representa para a humanidade e a educação:

[...] a vocação para a humanização, segundo a proposta freireana, é uma característica que se expressa na própria busca do ser mais através da qual o ser humano está em permanente procura, aventurando-se curiosamente no conhecimento de si mesmo e do mundo, além de lutar pela afirmação/conquista da sua liberdade.

A professora Elisa ressalta: “A palavra é: valores. E isto abrange tudo. Isso você vê no dia a dia que a cada dia os grupos estão cada vez maiores, sabe, até quem não é da escola, eles vêm pra se reunir, para as reuniões, eu acho que isso não é perdido, é importante” (Elisa).

É importante perceber que o colégio é um ambiente em que os estudantes gostam de se encontrar “até quem não é da escola” (Elisa). A partir do caminho percorrido e das experiências vividas no ambiente escolar, os professores demonstram a importância do educar, que vai além da sala de aula. O acolhimento e o respeito ultrapassam o conteúdo na sala de aula e seguem nos outros ambientes da escola. É possível educar em todas as situações.

A pastoral também foi lembrada pelos professores. Já refletimos sobre ela nos primeiros capítulos desta dissertação. Conforme é possível ler no Projeto Político Pedagógico Pastoral do Colégio, a pastoral se faz presente no processo de formação dos estudantes. O professor Felipe destaca:

[...] a formação da pastoral, a atuação da pastoral, os Salesianos na entrada, passam em cada sala de aula. Essa presença deles é importante na formação. Estar presente, ser amigo dos alunos, ser presença, não ser só professor, o amor salesiano. Eu chamo de carinho, *amorevollezza*. Eu trago isso desde que eu era aluno (Felipe).

O professor Felipe, falando da *amorevollezza*, traz um dos pontos do tripé do Sistema Preventivo que Dom Bosco desenvolveu com os adolescentes e com os Salesianos. A razão, religião e a *amorevollezza*. Está última sem tradução para o português, porém, pode chegar perto de bondade, acolhida.

Não existe *amorevollezza*, se não se cria um ambiente sereno e exemplar, marcado pelo acolhimento e respeito. O sistema desenvolvido por Dom Bosco no campo da educação não era novidade na sua época. Porém ele ampliou, expandiu os horizontes, a partir da educação recebida e a forma como via cada pessoa, em especial, os adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social.

Segundo Nanni (2014, p. 13), “o Sistema Preventivo não nasceu junto à mesa de escritório. Não é fruto exclusivo da literatura pedagógica. Sua fonte primária é Dom Bosco, sua história, sua pessoa, sua santidade, sua paixão educativa”.

A professora Lara enfatiza o fato de a escola ser confessional. Ela vê na confessionalidade algo importante para a educação dos estudantes. Segundo a professora,

[...] eu acho tudo muito importante aqui, o fato de ser uma escola confessional é muito diferente. Os níveis de responsabilidade, eu acho que o nível de comprometimento dos alunos, a ética, a fé, isso influencia muito positivamente na vida das crianças, dos professores e também no relacionamento com os pais (Lara).

Ainda na perspectiva da confessionalidade, observamos, por meio das entrevistas, que os professores se identificam com o fato de o colégio ser salesiano. Aliás, os professores demonstram a satisfação por estarem inseridos em um colégio salesiano. O professor Tiago assim se expressa: “Todos os dias de manhã o padre nos recebe para dar bom dia, dar uma bênção, para abençoar nosso dia, a gente tem o bom dia, a oração. Eu acho tão bom a gente chegar e ter uma oração” (Tiago).

Na mesma perspectiva do professor Tiago, a professora Ana ressalta:

[...] a acolhida! O modo como somos acolhidos! Tanto alunos como nós professores. Aqui eu me sinto ouvida, valorizada. Eu sou uma pessoa. Aqui realmente eu sinto uma questão de família. Aqui é uma Família Salesiana e tem esse suporte. Os valores vão sendo passado e existe uma continuidade. Para mim é a questão da *amorevollezza* (Ana).

O ambiente educativo marca a vida das pessoas. É um ambiente em que se encontram os seres humanos para construir uma educação humanizadora. Percebemos nas falas dos professores que esta educação humanizadora promovida pela escola, por meio dos valores que ela cultiva, não envolve só os professores. Os estudantes também percebem e se sentem envolvidos. A professora Tânia expressa bem esta situação: “O ambiente acaba, assim, afetando de modo bom. Eu converso com os oitavos e nonos [anos do Ensino Fundamental], eles falam, já saíram, voltaram [para o colégio] e eu pergunto? Porque saíram, voltaram? [Os estudantes respondem que] é diferente, o convívio, a acolhida, o olhar” (Tânia).

A educação humanizadora, sensível, está presente também na fala do professor Bismark, quando afirma: “Os princípios que a escola defende, a ética que ela prega, que é fundamental e muitos pais sentem a necessidade de manter os seus filhos numa educação

salesiana por que sabe que isso vai fazer a diferença no dia a dia, uma formação humana para a vida” (Bismark).

Ao ensinar, o professor também aprende. Em uma de suas frases insistente mente citadas, como todos os seus escritos, Freire (2011, p. 96) afirma: “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. A professora Bárbara diz:

O professor, apesar de estar lecionando, ele também é um eterno aprendiz. E eu falo que a gente aprende muito mais com os alunos do que eles com a gente. Mas é isso. A importância de saber e sentir que cada um é tratado como único. Não é mais um, é uma pessoa com sua história, sua vida, sua vivência (Bárbara).

Ao fechar essa temática sobre a acolhida e o respeito que refletem a educação salesiana em todos os seus ambientes, ressaltamos seu caráter humanizador e trazemos uma reflexão do Caliman (2009, p. 14), que explica que o humanismo na pedagogia de Dom Bosco “se refere a essa dimensão com palavras muito variadas, tais como: “*amorevollezza*” (querer bem), caridade, acolhida, mansidão, carinho. Dizia ele que o educador deve fazer-se amar se quiser fazer-se respeitar”.

3.3 Dom Bosco e o processo educativo: a escola como casa para o encontro e o diálogo

Neste item, seguimos o diálogo sobre educação com os professores e professoras atuantes em um colégio salesiano. Nesta terceira categoria, analisaremos as falas dos professores no referente ao que já está colocado no título, ou seja, Dom Bosco e o processo educativo: a escola como casa para o encontro e o diálogo.

A expressão “casa” é muito rica para Dom Bosco. Ele queria que todas as presenças salesianas tivessem o espírito de família, que remete a casa. Diz-nos Braido (2004, p. 283) da “familiaridade com os jovens especialmente no recreio. Sem familiaridade não se demonstra amor e sem essa demonstração não pode haver confiança. Quem quer ser amado precisa demonstrar que ama”.

Vecchi (2014, p. 123) declara: “Dom Bosco foi um especialista do primeiro encontro com o jovem”.

Entre outros autores que falam de educação com base na obra de Dom Bosco e ressaltam o amor como componente importante da relação pedagógica é Sandrini (2018a). Ele

afirma: “educar é acompanhar com amor o crescimento e o desenvolvimento das pessoas, sobretudo das novas gerações... em todas as suas dimensões” (Sandrini, 2018a, p. 167).

Os professores entrevistados falam deste clima de família, de um lugar que é diferente de outros que trabalham ou trabalharam. A professora Elisa diz:

O padre está sempre presente no pátio. Os professores também caminham entre os alunos. Então a presença de Dom Bosco, é forte. Fazemos o possível para passar esse sentimento aos jovens. Não basta dizer que são amados, é preciso sentir que são amados e é através disto que Dom Bosco fala nesta escola para os alunos (Elisa).

Uma educação que vai além da sala de aula e traz reflexo para a vida dos educandos. Além dos conteúdos, enfatizam os professores, e de toda as exigências dos estudos e sua seriedade, destacam a importância da amizade, a convivência, o querer bem entre educandos e educadores. Uma forma de educar que atravessa o espaço educativo e vai além dele. A professora Ana diz:

Graças a Deus o meu filho que estuda aqui, vai ter um monte de alunos, que espero continue sendo amigo do meu filho, pois foram os melhores alunos que eu tive. É isso, eu quero ver o futuro deles. A casa salesiana traz esse quentinho no coração (Ana).

Conforme já destacamos nos capítulos anteriores, o tripé do Sistema Preventivo é baseado na razão, na religião e na *amorevollezza*. Neste momento, queremos retomar o sentido da *amorevollezza*, palavra italiana que não tem sua tradução literal, mas que se aproxima da ideia de bondade, acolhida, uma forma de ir ao encontro dos educandos e suas necessidades. Assim como Dom Bosco, a partir do primeiro encontro, foi descobrindo as necessidades dos jovens, assim cada educador, ao entrar no mundo dos adolescentes, dos jovens, das crianças, para ouvi-los, ouvir seus anseios, dúvidas, sonhos, entre outros, passa a fazer parte da sua vida.

A professora Ana, na sua prática educativa, diz: “Eu posso estar errada como eu assimilei as informações da *amorevollezza*, de que você enxerga o aluno, você dá um suporte, você ensina, mas você não pode ser boazinha. É um amor que exige” (Ana).

A fala da professora Ana exige que, além da *amorevollezza*, também relembraremos que tanto Dom Bosco como os autores que são do campo da educação e se inspiraram em suas ideias, sempre enfatizam a necessidade de que o processo formativo não se reduza a somente uma das dimensões do tripé. Portanto, trouxemos Nanni (2014), que destaca a razão, o que vem ao encontro do que diz a professora Ana, de que, embora articulada com a *amorevollezza*, educar é uma relação pedagógica, é um amor que exige. Segundo Nanni (2014, p. 42), “educar

e educar bem não acontecem por si. Devem ser continuamente qualificados e requalificados, não só em nível de competências e de boas técnicas operativas, mas também em nível de atitudes básicas, de motivações e de razões fundamentais”.

Com Nanni (2014), ressaltamos a seriedade na formação e na profissão de professor, bem como na relação com seus estudantes. Ser professor e/ou estudante requer disciplina, estudo, trabalho, entre outras qualidades.

A professora Ana diz:

Eu conquistei o meu espaço, mostrando com o passar do tempo, é interessante ver que eu consegui plantar uma semente. Os alunos quando entrei que estavam no sexto ano, estão no terceiro ano do Ensino Médio, eu consigo ver as sementes que eu plantei, eles podem falar isso. Eu plantei a semente da arte, da alegria e eu colho os frutos agora (Ana).

A alegria de ensinar e a alegria de ver os frutos do trabalho educativo são vistas na linguagem da professora, nas sementes lançadas entre as crianças, adolescentes e jovens. A professora Ana fala deste caminho iniciado no 6º ano do Ensino Fundamental e que o fruto deste trabalho a professora vai perceber, principalmente no 3º. ano do Ensino Médio. Ou seja, como já nos referimos anteriormente, a educação é um processo e não ocorre de um momento para o outro. O que diz a professora lembra Arroyo (2011, p. 70), autor que chama a atenção para o fato de que o professor e sua formação são fundamentais para o “processo educacional, principalmente na descoberta dos estudantes como gente e não apenas como alunos tratados como contas bancárias em que os professores depositam seus conteúdos”. É mais que isso, “está em jogo o pensar, sentir e ser gente” (Arroyo, 2011, p. 70).

O que diz Arroyo (2011) vem ao encontro do que afirma Freire (1992, p. 89), segundo o qual “uma das melhores coisas que podemos experimentar na vida, homem ou mulher, é a boniteza em nossas relações, mesmo que, de vez em quando, salpicadas de descompassos que simplesmente comprovam a nossa ‘gentetude’.

O professor Tiago também aborda o cuidado com que trata os estudantes, como gente e deixa explícito de que a singularidade de cada um é respeitada. “Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?” (Freire, 1996, p. 75). Ou seja, nesta direção o professor afirma que, com base no Sistema Preventivo de Dom Bosco, busca construir com os estudantes uma perspectiva sobre o que “pode melhorar”, segundo o professor:

Todo o tempo é utilizado, ao menos na minha pasta, o método preventivo de Dom Bosco. A gente não reprime, a gente previne. Sempre que eu preciso chamar a atenção do jovem, chamo ele em particular e converso sobre os pontos que precisa melhorar. A gente não é de fazer o aluno passar por uma questão vexatória, um constrangimento, conversamos em particular, elogiamos em público. Vamos pontuando com eles, o que pode melhorar (Tiago).

O Sistema Preventivo vivenciado por Dom Bosco exige que o educador e educando estejam sempre em diálogo. Segundo Nanni (2014, p. 74), “o cuidado educativo requer também e quer a liberdade de movimento, bem como o consenso em função do que se propõe”. O Sistema Preventivo propõe evitar, como diz o professor Tiago, a exposição vexatória do estudante. Para Dom Bosco, como para os autores que compartilham dos seus ensinamentos educativos, a alternativa é sempre o diálogo amoroso ao invés da punição.

Podemos perceber a presença de Dom Bosco nas ideias, nas falas, nos escritos, tanto a partir dos seus estudos como dos professores entrevistados nesta pesquisa. Ou seja, passados mais de 200 anos do nascimento de Dom Bosco, seus ensinamentos sobre educação continuam presentes. A professora Elisa diz:

Dom Bosco é muito presente na nossa vida, sobretudo nas relações humanas, porque ele é o suporte, quando o aluno não consegue resolver, vem o professor que intermedia com o próprio ensinamento de Dom Bosco, o respeito, o acolhimento de algumas situações, que a gente caminha sempre do lado de cada aluno (Elisa).

Conforme a fala da professora Elisa, o professor não está acima do educando, ele caminha lado a lado, mesmo que em tempos diferentes (Gadotti, 1998), cada qual com a sua singularidade, mas juntos, construindo o processo educativo.

O que disse a professora Elisa e os demais professores entrevistados lembra o contexto em que Dom Bosco começou seu trabalho educativo com os adolescentes e jovens. O histórico deles não era nada satisfatório em relação às condições materiais e de acolhimento afetivo. A maioria vinha do campo em busca de condições melhores de vida na cidade e eram órfãos de pai, mãe ou de ambos. Neste sentido, retomamos a necessidade do diálogo amoroso com os estudantes. Como diz Freire (2011, p. 111), “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo”.

Uma educação humanizadora não se constrói sem amor. Assim, a educação construída por Dom Bosco faz com que cada adolescente, jovem, se sinta amado, onde quer que ele esteja com suas qualidades e seus limites. Se sentido amado, importante, a criança, o adolescente, o jovem, se descobre como ser único, irrepetível, digno de respeito. O pensamento pedagógico

de Dom Bosco e os autores que se fundamentam em seus escritos, creem que em cada jovem está o potencial para a transformação como pessoa, como cidadão e o trabalho educativo, para Dom Bosco, tem esse objetivo em todas as suas atividades.

O professor Tiago em uma de suas falas também faz referência a atenção humanizadora que os estudantes necessitam, a maneira de trabalhar e a importância de fazer a diferença no itinerário da vida deles:

Eu acho que a gente não vê o aluno só como objeto, objeto de ensino, mas parte atuante neste processo educativo e de responsabilidade por parte do professor, que é uma vida, então, tem todos esses cuidados, podemos falar da fé com as crianças, essa liberdade de poder falar do Divino, falar de ética, de fé, e influenciar de forma positiva a vida das crianças, dos adolescentes (Tiago).

Ao encontro do que diz o professor Tiago, Dom Bosco (1884), na sua Carta de Roma, diz a um dos seus jovens: “Veja, a familiaridade gera o afeto e o afeto produz confiança. Isso é que abre os corações, e os jovens manifestam tudo sem temor aos mestres” (Bosco, 1884, p. 41). O professor Tiago, além de mostrar sua afinidade com os ensinamentos de Dom Bosco, lembra o que afirma Freire (1996, p. 159), quando diz: “Ensinar exige querer bem aos educandos”.

Os professores, nas suas falas, descrevem essa relação entre eles e os educandos. É uma relação afetiva e efetiva que ultrapassa a sala de aula, estende-se por todos os ambientes do colégio e, em especial, na hora do recreio, quando os educandos, no momento informal, mostram como eles são, seja no esporte, seja conversando, interagindo entre eles e com os educadores.

Ao falar dessa relação afetiva, não podemos deixar de novamente mencionar Paulo Freire, com a palavra amorosidade. Para este autor, “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade” (Freire, 1996, p. 160).

No exercício da sua autoridade, Dom Bosco trabalhava para o bem dos jovens com compromisso e seriedade, para a melhoria das suas vidas, tanto material como afetiva. Ele ia ao encontro de cada jovem, ouvir suas histórias, suas necessidades e na prática de educador, fazer com que suas necessidades fossem sanadas e que isto proporcionasse uma vida digna. Dom Bosco demonstrava afetividade e seriedade no exercício do processo educativo. Podemos observar esta preocupação também na fala do professor Geraldo a seguir:

Eu consigo perceber que a própria coordenação pedagógica sugere que em diversas oportunidades, seja interessante, que os professores não fiquem só na sala dos professores, durante o intervalo, mas também desça [até o pátio] para interagir com os alunos, sabe, para ter essa educação que é passada pra gente, de como deve ser a educação salesiana, de ter um contato maior com os alunos, é meio clichê falar, mas é realmente o amor, amor em dar aula, se sentir bem, eu percebo essa manifestação dessa forma, dessa interação com os alunos, a presença no pátio, no dia a dia, encontrar os alunos no corredor, é bem claro isso (Geraldo).

O professor Geraldo lembra que a educação salesiana ultrapassa a sala de aula. Este encontro afetivo vai além do conteúdo. Além disso, enfatiza que não só os professores, mas também a coordenação pedagógica do colégio está preocupada com o acompanhamento, diálogo, encontro constante com os estudantes. Isto nos faz retomar o subtítulo deste item, ou seja, a escola como casa para o encontro e o diálogo: “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (Freire, 1996, p. 160).

Os pátios que existem no colégio, a capela, o teatro, a sala de aula, o pátio na hora do recreio, os pátios virtuais, são lugares propícios para encontros educativos. Finalizamos este item com as palavras de Sandrini (2018a, p. 275), que expressa uma das dimensões caras à concepção de educação de Dom Bosco, segundo a qual “a maior alegria do educador é a convivência com o educando e vice-versa. Conhecê-los na convivência para amá-los é o primeiro passo educativo”.

3.4 A presença das ideias de Dom Bosco na atuação dos professores: a importância de cada estudante na sua singularidade

Nesta quarta categoria seguiremos o diálogo sobre educação com os professores. Neste item aprofundamos a análise ouvindo-os sobre o seu trabalho no colégio salesiano e como as ideias de Dom Bosco se fazem presentes nas suas atuações. Neste sentido, a fala do professor Tiago traz elementos que explicitam esta presença de diferentes formas. Ele assim se expressa:

Dom Bosco fala até pelas paredes desta escola. Um dos colégios mais tradicionais da cidade. Nós andamos pelos corredores, pelas salas de aula, os quadros de Dom Bosco, os corredores têm imagens. A figura de Dom Bosco é presente nos mínimos detalhes. Desde o corredor, o Inspetor, o diretor, o pessoal da limpeza. Então Dom Bosco fala nesta escola, através das pessoas, dos gestos, da simbologia que a escola carrega e o pátio (Tiago).

O professor Tiago ressalta o simbolismo que tem o colégio salesiano. Todo ambiente fala de Dom Bosco. Dom Bosco se faz presente na atuação não só na sua atuação como

educador, mas se estende também a todas as pessoas que trabalham no colégio. Na fala do professor Tiago: “A figura de Dom Bosco é presente nos mínimos detalhes”. Com base no que diz o professor, percebemos que as ideias de Dom Bosco, bem como na forma de imagens, entre outros elementos, é viva no processo educativo desenvolvido pela escola.

A fala do professor vem ao encontro do que afirma Bosco (1877, p. 46): “o educador, sempre presente, participa totalmente da vida dos alunos, ouve, intervém, provoca interesse, acolhe iniciativas, inspira atividades”.

Quando lemos Dom Bosco, imediatamente podemos articular com reflexões desenvolvidas por pensadores da educação que são contemporâneos. É o caso de Arroyo (2013, p. 53), quando lembra que nossa docência é indissociável da condição humana:

[...] reprendemos que nosso ofício se situa na dinâmica histórica da aprendizagem humana, do ensinar e aprender a sermos humanos. Por aí, reencontramos o sentido educativo do nosso ofício de mestre, docentes. Descobrimos que nossa docência é uma humana docência.

Dom Bosco valorizava ao máximo a presença dos educadores no meio dos adolescentes, jovens. Estar com os jovens, onde eles estão, não para vigiar, punir, inibi-los, mas para ser um amigo entre os amigos, para gerar confiança, familiaridade.

Villanueva, também educador e escritor, o 9º. Sucessor de Dom Bosco no documento utilizado nas instituições salesianas, intitulado *Estreia*, no ano de 2008, amplia as reflexões de Dom Bosco, e escreve: “Educação, convivência social e práxis política formam uma unidade, pela qual quem quiser dar um salto de qualidade numa delas deverá dedicar necessariamente suas energias para modificar as demais” (Villanueva, 2008, p. 21-22). Ou seja, Villanueva (2008), inspirado nas ideias de Dom Bosco, de forma semelhante a outros autores como Freire (1993b) e Arroyo (2013), adverte para não secundarizarmos as diferentes dimensões da vida em sociedade, com destaque para a práxis política.

Neste sentido, trazemos uma fala da professora Bárbara que demonstra a preocupação com os estudantes mais silenciosos: “Eu vou até o aluno, pergunto se está acontecendo alguma coisa”. A professora demonstra o cuidado que o educador e educadora deve ter com todos e cada um dentro da escola. Ela expressa a preocupação com a singularidade dos estudantes e dispensa uma atenção especial aqueles que demonstram alguma fragilidade. Isto expressa, entre outros, uma “práxis política”, traduzida no compromisso com todos. Como diz a professora Bárbara: “Então, quando vejo qualquer situação que vai fazer o aluno se prejudicar, se auto

prejudicar. Eu vou atrás dele, procuro saber, no que eu posso ajudar". Esta foi a forma dela expressar a presença de Dom Bosco na sua atuação.

Por sua vez, o professor Felipe demonstra atenção à singularidade de cada estudante. Cada estudante é único, tem suas histórias, alegrias e desafios. Este professor traz uma frase de Dom Bosco na sua relação com os estudantes: "Não basta dizer que são amados, é preciso sentir que são amados e é através disto que Dom Bosco fala nesta escola para os alunos" (Felipe). A frase dita pelo professor Felipe foi dita também pela professora Elisa, que citamos no item 3.3.

A presença de Dom Bosco no colégio é forte. O simbolismo que suas ideias trazem para cada pessoa que faz parte do colégio, que passa a lecionar, estudar, visitar, o ambiente passa a fazer parte da sua vida. Entre os professores entrevistados, a professora Elisa diz: "Trabalho em outros colégios, convivo com outras pessoas. Quando venho para trabalhar no Salesiano, é colocar os pés e entrar no colégio, sinto a diferença no cumprimentar as pessoas".

O professor Bismark também ressalta elementos da educação com base em Dom Bosco fazendo parte da sua vida: "o tripé do Sistema Preventivo: razão, religião e *amorevollezza*. Um sistema criado há muito tempo e válido até hoje, claro que, se adaptando. Eu levo para a minha vida profissional aqui e em outros lugares" (Bismark).

O professor Bismark fala da importância em constante atualização do Sistema Preventivo na sua prática educativa. Por onde ele passa, leva essa forma de educar a partir do tripé salesiano educativo.

Na categoria anterior trabalhamos em especial sobre a familiaridade, e nesta estamos abordando sobre a presença de Dom Bosco e a singularidade de cada pessoa, sobretudo do estudante. Neste sentido, destacamos que foi muito enfatizado nas respostas dos professores: os laços afetivos que fortalecem as relações no colégio e de como isto reverbera no processo educativo. A professora Lara diz:

Acho interessante desta escola, é que as pessoas não estão de passagem, elas estão para ficar, acaba tendo um relacionamento afetivo, não são só funcionários, veja quem está na recepção, os porteiros, professores de 10, 15, 20 anos. Criam laços afetivos, isso passa para os alunos, para os pais, confiança e credibilidade. Muito legal isso, você não é mais um, você faz parte. Isso é um diferencial (Lara).

As relações afetivas em suas diferentes formas de manifestação no cotidiano do processo educativo são também ressaltadas por Nanni (2014). Entre outros, ele lembra que os estudantes, hoje, são crianças, adolescentes, jovens e em pouco tempo, estarão inseridos na sociedade a partir da profissão que vão escolher ou que podem escolher. Isto reforça o

compromisso de cada professor e professora na relação pedagógica com seu estudante, sempre permeada de respeito e afeto. Nanni (2014, p. 65) ressalta: “na melhor tradição educativa salesiana, a relação educativa é assinalada por cálidas acentuações (bondade, amizade, paternidade, confiança, afeto, acolhida, assistência, companhia duradoura, mesmo além dos tempos propriamente educativos)”.

Na direção que aponta Nanni (2014), também Sandrini (2018b, p. 49) traz uma reflexão pertinente a mesma questão: “toda a sala de aula é um espaço de convivência com os diferentes. A escola é um ambiente de atitude e de socialização e não apenas um lugar onde se ensinam conhecimentos gerais”.

Além disso, a professora Ana traz a reciprocidade do processo educativo. Para a professora, “é um trabalho diário. Então é um aprender, é um aprendizado diário, tanto para mim como para o meu aluno” (Ana). Neste sentido, a professora vai ao encontro do que afirma Freire (1993a). Ou seja, que no ambiente da escola todos aprendem,

[...] ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha [...] o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos (Freire, 1993a, p. 27).

Tal como Freire (1993a), a professora Ana reconhece que os educandos não são uma *tabula rasa*, não são apenas receptores. Eles têm experiências e vivências a partilhar. Segundo Freire (1996, p. 71),

[...] não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos ‘conhecimentos de experiência feitos’.

Educar, ensinar, acompanhar, orientar é um trabalho diário que requer seriedade, compromisso, profissionalismo. A escola não é somente uma etapa da vida, não é cumprir alguns requisitos de ensino e a vida segue igual. O processo educativo nos constitui como seres humanos. O professor Geraldo demonstra ter consciência da influência do trabalho do professor na vida do estudante. O professor afirma:

Meu primeiro dia de aula aqui, uma aluna do 9º. ano, falando sobre a Geografia, demonstrando não ter interesse nessa disciplina, porque não ia bem nessa matéria. Eu senti como um desafio pessoal. E ela passou a tirar só notas boas. Ela ficou muito feliz, ela passou a gostar da Geografia. A Geografia foi um exemplo que ela pode

aplicar em todas as coisas que for realizar na vida. O empenho, a dedicação, o esforço diário para ir em busca dos seus objetivos (Geraldo).

Dom Bosco falava com seus educadores sobre como eles tratavam os estudantes que iam bem nos estudos e quais eram suas atitudes em relação aos que não iam tão bem. Esta preocupação aparece na fala do professor Geraldo, que vem ao encontro das reflexões de Dom Bosco em relação aos estudantes que nem sempre estão se sentindo empolgados para os estudos. Neste sentido, tanto o professor Geraldo como a professora Bárbara explicitam situações importantes na relação pedagógica que se estabelecem com os estudantes.

A professora Bárbara também traz esta preocupação:

Eu acho que, educar é isso, abrir os olhos, para eles irem buscar. Já tive, tenho alunos, ex-alunos, já se formaram na faculdade, professora, fiz tal coisa, porque tive biologia com a senhora. Me interessei pelo conteúdo, eu me formei em Pedagogia, por que eu gostava da maneira como você fazia, então me inspirei em você. É gostoso, faz bem pro ego. A educação é um instrumento para o amanhã (Bárbara).

A professora Bárbara diz: “Educar é abrir os olhos, para eles irem buscar”. O professor tem essa tarefa de abrir os olhos dos educandos e fazer com que eles tenham gosto por buscar, para que tenham curiosidade diante dos conhecimentos que vão adquirindo. Freire (1996) lembra que a curiosidade do educando é combustível para sua aprendizagem, por isso a curiosidade deve ser cultivada no processo educativo.

A educação tem a tarefa diária de vivenciar com os educandos e educadores, o que a socialização é capaz de realizar. São pessoas diferentes em momentos diferentes vivendo no mesmo espaço. Cada um com seu papel no ambiente educativo. A professora Ana diz: “Aqui temos que abrir portas, mostrar os caminhos, direcionar, mostrar o que é importante, no estudo mesmo. Incentivá-los a pesquisar, ter curiosidade para um determinado assunto” (Ana).

A professora Ana fala desta contribuição importante que o professor tem diante dos seus alunos. Estamos ensinando e aprendendo. O professor é o mediador do que acontece ou não na sala de aula. As suas palavras são ouvidas e suas atitudes e posturas são observadas.

A professora Bárbara diz: “A educação é um instrumento para o amanhã”. Em todo tempo e lugar estamos praticando educação. Freire (1996, p. 52) diz: “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Além disso, Freire (1992, p. 47) aponta: “o educando se torna realmente educando quando e na medida em que conhece, ou vai conhecendo os conteúdos, os objetos cognoscíveis,

e não na medida em que o educador vai depositando nele a descrição dos objetos, ou dos conteúdos”.

Para Freire (1992), o educando vai tomando consciência do seu protagonismo na forma de aprender e os conteúdos vão fazendo parte da sua vida. Não se torna algo abstrato, longe da sua realidade. Dom Bosco, sempre defendeu o protagonismo do estudante e a forma deste protagonismo acontecer, é respeitando o estudante.

A formação não é uma etapa específica da vida, mas acontece no decorrer da nossa existência. Em cada situação que surge, no encontro com as pessoas, nos acontecimentos conosco ou com o outro, em tudo isso, somos convidados a tirar lições. A professora Ana diz: “Uma educação para a vida, para os valores que permanecem. Os alunos que deixam o colégio, permanecem unidos depois. Voltam para o colégio para matar saudade, reviver os anos que passaram aqui” (Ana).

O professor Tiago também fala da importância dos valores na vida do estudante e também de sua vida futura. Ele assim se expressa: “Educar é algo para a vida. [...] Não adianta nada, ele [estudante] ser, ter e não ter valores, ele precisa ser, ter e também ter valores. Então educar é você imprimir, deixar essa marca. É um ato de amor, carinho, de caridade”.

Os professores e as professoras participantes da pesquisa falam deste compromisso ético com cada educando, com a instituição. Ser coerente com o que ensina e o exemplo que são chamados a dar diante da comunidade educativa, diante da sociedade. O professor Tiago fala desta formação para a vida, do homem e da mulher de amanhã, o cidadão e a cidadã que a sociedade espera num futuro breve.

A educação tem a tarefa de transformar pessoas, e pessoas transformadas têm a capacidade de trabalharem na construção de uma sociedade mais humana. Porém, é importante lembrar o que aponta Freire (2000, p. 67), segundo o qual “não creio na amorosidade entre homens e mulheres, entre os seres humanos, se não nos tornarmos capazes de amar o mundo”. Uma educação humanizadora se faz com mais humanidade nas relações. Para Villanueva (2008, p. 4),

[...] educar com o coração de Dom Bosco significa, para o educador, cultivar antes e fazer brotar depois do interior do próprio coração ‘razão, religião, bondade’, fazendo da bondade a ponta de diamante, a atuação prática daquilo que é proposto pela religião e a razão. Trata-se de viver o Sistema Preventivo.

Neste sentido, podemos afirmar com Corallo (1979, p. 24), que

[...] não sem razão [...] poder-se-ia dizer que Dom Bosco com seu sistema operou uma verdadeira revolução copernicana no campo da educação: ele segue a direção que parte do jovem para a gradual conquista do seu amadurecimento, e não a oposta, comum no seu tempo, que ia dos programas e dos preceitos ao jovem.

Nas palavras de Corallo (1979), em sua interpretação da prática educativa de Dom Bosco, desta que ele não se baseou em um projeto e aplicou na educação dos jovens, ele fez o inverso: partiu do encontro com os jovens, do conhecimento da sua realidade para colocar em ação, o que a educação poderia realizar na vida deles.

Finalizamos este item reafirmando com os professores e as professoras entrevistados que a presença de Dom Bosco continua viva na atuação deles e delas no Colégio Salesiano. Além disso, em vários momentos os entrevistados deixaram explícito que esta presença também se dava de outras formas, tanto materializada em imagens e quadros, entre outros, como na forma como as pessoas que estão no colégio se relacionam entre si e com os estudantes.

Ressaltamos que é possível perceber, com base nas entrevistas, que “o exemplo e o grande desejo de Dom Bosco de estar sempre ao lado dos jovens” (Castro, 2002, p. 163), é revitalizado por meio de todos que estão envolvidos no colégio pesquisado. Em Castro (2002, p. 163), o exemplo e o desejo de Dom Bosco trouxeram e continuam trazendo “abertura de horizontes para a vida dos jovens, em especial, e para todas as pessoas simples de sua terra”.

3.5 Formação continuada na escola: o que dizem os professores?

Nesta última categoria da nossa investigação, traremos falas em que os docentes expressam sua relação com o seu próprio processo formativo. Assim, iniciamos esta categoria com uma reflexão de Freire (1993b, p. 22-23) propícia para o diálogo e análise que faremos com as falas dos docentes neste momento da final de análise da nossa investigação:

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí.

Seguindo o pensamento de Freire (1993b), podemos dizer que desde que nascemos já estamos inseridos em processos educativos conscientes ou não, sejam eles informais, sejam eles formais e/ou escolarizados. Neste sentido, ao atuar como docente, a formação permanente em relação ao aprofundamento e reflexão da atuação é ainda mais explícito. Podemos dizer que em

toda área que o ser humano esteja atuando, ele estará em constante aprendizagem e formação. Não podemos pensar, ingenuamente, que a partir de uma graduação, especialização, que estamos prontos para encarar todos os desafios. Como disse Freire (1996, p. 55), “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital”. Neste sentido, destacamos a expressão ‘ser mais’ utilizada na literatura freireana e que dialoga com a ideia do inacabamento do ser humano.

Streck, Redin e Zitkoski (2008, p. 369) lembram que para Paulo Freire o ser mais é compreendido como “desafio da libertação dos/as oprimidos/as como busca de humanização, em que a natureza humana é programada para ser mais, porém não determinada por estruturas ou princípios inatos”. Ou ainda, conforme afirma Freire em *Pedagogia do Oprimido*, só se justifica o “ser mais” no sentido de humanização dos homens e mulheres.

Entendemos ser necessário lembrar com Nery e Barbosa (2021, p. 1) defendem que a humanização é uma expressão ainda a ser conceitualizada. Isso porque “descolando o conceito de seu uso, parece tão simples e fácil compreender e vivenciar a humanização, já que todos fazemos parte de uma mesma condição: a humana”. As autoras prosseguem e afirmam “a humanização quando vivenciada no cotidiano é algo bem mais complexo do que simplesmente tornar humano ou mais humano determinado sujeito ou grupo social” (Nery; Barbosa, 2021, p. 1).

Assim, com Freire (2011, p. 50, grifo do autor), defendemos uma perspectiva humanizadora que

[...] recusando tanto o desespero quanto o otimismo ingênuo, é, por isto, esperançosamente crítico. E sua esperança crítica repousa numa crença também crítica: a crença em que os homens podem fazer e refazer as coisas; podem transformar o mundo. Crença em que, fazendo e refazendo as coisas e transformando o mundo, os homens podem superar a situação em que **estão sendo** um quase **não ser** e passar a ser um **estar sendo** em busca do **ser mais**.

Portanto, o ‘ser mais’ situa-se na vocação para a humanização. Na dinâmica da vida, por estarmos em constante busca, não estamos acabados e nem definidos, podemos ir sempre adiante e sermos sempre mais humanos em todos os projetos e ações que formos realizar.

Ao trazer o ‘ser mais’ humanizador freireano, é possível dialogar com as entrevistas dos professores e professoras sobre a necessidade da formação. São profissionais da educação, estão atuando, uns há mais tempo, outros começando a vida docente, conforme já informamos

anteriormente, mas todos são unânimes em afirmar a necessidade de estar permanentemente inseridos em processos formativos.

O professor Geraldo diz: “No começo do ano temos a jornada pedagógica” (Geraldo). Ao dizer isso, ele destaca a importância dos momentos em que o colégio promove processos formativos.

Os professores e professoras sentem a necessidade de analisar o que realizam, suas práticas pedagógicas. A professora Ana ressalta: “Eu busco a formação por conta própria. Busco atualização constantemente” (Ana). A atitude da professora de ir em busca de formações, conforme os autores que utilizamos nesta pesquisa, com destaque para Freire (1996), demonstra sua postura crítica em relação ao seu trabalho docente. A professora Ana, por meio da formação, busca melhorar sua atuação.

Segundo Freire (1996, p. 43-44), “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

A professora Elisa fala de que ser docente é estar em um lugar no qual exige sempre mais estudos. Neste sentido, a professora Elisa ressalta que estar no colégio salesiano faz com que ela sinta a necessidade de se aprofundar nos estudos, inclusive os pertinentes a salesianidade. Ela entende que ainda precisa de mais aprofundamento em salesianidade, porque, segundo ela, é fundamental para a sua prática. Ela diz: “Eu gostaria que tivesse, por exemplo: essa questão de salesianidade. Uma pós-graduação seria bem-vinda para os professores” (Elisa).

O professor Felipe também destaca aspectos positivos da formação permanente:

A escola está sempre incentivando o professor a ir graduando da melhor maneira possível. Está licenciado? Procura uma especialização. Já tem especialização, de repente, você pode buscar o mestrado e a rede salesiana tem ajudado até economicamente com a parceria com a Universidade [...] de encaminhar os professores que desejam participar dos cursos (Felipe).

As falas dos professores nos remetem ao que afirmava Dom Bosco, de que “educação é coisa do coração”, pois os professores, em diferentes momentos, demonstram o seu compromisso com a educação dos estudantes, ao mesmo tempo que expressam a satisfação e o desejo de continuar atuando como docente. Castro (2002, p. 52) afirma que se para Dom Bosco educação é coisa do coração, para os educadores de hoje a “educação é a sensibilidade compromissada com a verdade interior de cada jovem, com os seus anseios e com sua capacidade de se situar no tempo em direção ao futuro”.

Caviglia (1985) reitera este compromisso e destaca que o educador salesiano, em qualquer campo em que esteja, seja nas obras sociais, seja nas paróquias, universidades, casas de formação, está comprometido com a educação. No colégio pesquisado, foi possível perceber isto. Não uma educação para apenas um momento, alguns anos, mas para toda a vida. Além disso, uma educação baseada no diálogo, no encontro, na relação com o próximo. Segundo Caviglia (1985, p. 95), “o salesiano sem bondade não é salesiano, mesmo que observe as regras. Dom Bosco quis sempre conceber a vida em suas casas baseada nesse alicerce, da bondade e da *amorevollezza*”.

O processo de educação permanente, compromisso com uma educação humanizadora, dialogada, é também enfatizada por Freire. O autor enfatiza que não estamos marcados por um determinismo, no qual tudo está definido. Segundo ele, estamos construindo a história, fazendo história, buscando deixar na humanidade marcas que farão a diferença na vida das pessoas. Assim diz o pedagogo: “gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu ‘destino’ não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir” (Freire, 1996, p. 58). Ou seja, o processo educativo dos estudantes e dos docentes é passível de transformações. Reconhecer o inacabamento é vital.

Neste sentido, a educação salesiana tem a responsabilidade diária com a comunidade educativa de transformar crianças, adolescentes e jovens em pessoas que defendem a vida digna de todos, o diálogo, as relações humanizadas. A formação não apenas para o tempo da escola, mas para toda a vida.

Dom Bosco sempre enfatizou que o caminho para o jovem ter uma condição social melhor era por meio do estudo. Não temos dúvida que a educação é um caminho propício para a pessoa ter uma condição de vida melhor, mas não a educação sozinha, todos os outros campos devem caminhar juntos na sociedade que desejamos mais humana, justa e solidária. Pois o grande projeto educacional, para Dom Bosco, é uma vida com dignidade para todas as pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento de elaborar as considerações finais, deixar um até breve, uma contribuição sobre o tema pesquisado naquilo que me foi possível neste momento histórico. Espero que outros pesquisadores e pesquisadoras tenham interesse em ampliar o tema desenvolvido nesta dissertação. Ou mesmo eu, espero que em outro momento possa dar continuidade a este estudo que se encerra como trabalho acadêmico, mas que continuará presente em minha vida.

Realmente, acreditamos serem considerações provisoriamente finais, pois a pesquisa que fizemos foi um recorte do tema escolhido. Em um vasto e riquíssimo campo de literatura e experiências, o conhecimento sempre será inacabado, conforme discutimos na nossa pesquisa. Portanto, estão inacabados os conhecimentos dos profissionais da educação, dos educandos, dos pesquisadores. “Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito à dos outros” (Freire, 1996, p. 37). Isto nos leva à outra questão muito cara em nossa pesquisa: a perspectiva de uma educação humanizada e humanizadora. Neste sentido, pensadores da educação como Freire (1992, 1996, 2011), Bosco (1877, 1884, 2018), Sandrini (2018), Braido (2004, 2008), entre outros, foram fundamentais para o processo de construção desta pesquisa.

Outra questão que gostaríamos de destacar é a oportunidade de mergulhar na educação, um universo de que estou imbuído e pode às vezes passar despercebido em meio inúmeras atividades. Para poder refletir academicamente sobre a educação salesiana, foi necessário mergulhar na história desde os primeiros salesianos que chegaram ao Brasil, e perceber que o

modo de educar ensinado por Dom Bosco marcou a educação em nosso país. Afinal, ele formou e continua formando novas gerações. Foi-me motivo de alegria e aprendizado durante o mestrado.

A pedagogia salesiana perpassa todos os campos, seja o da educação formal, seja o da educação informal, desenvolvendo atividades desde a educação na paróquia, centros juvenis, oratórios, casas de formação, até as escolas de educação básica e educação superior.

Dos elementos desta reflexão inicial, surge a pergunta norteadora da nossa pesquisa: as ideias de Dom Bosco estão presentes na prática pedagógica dos professores e professoras dos anos finais do Ensino Fundamental numa instituição salesiana? Com uma abordagem qualitativa e através de entrevistas semiestruturadas, os professores e as professoras foram dialogando conosco, no sentido de atendermos os objetivos da nossa pesquisa.

Os professores participantes da pesquisa relataram a alegria, satisfação, desafios, o acompanhamento da gestão, e em todas as respostas podemos constatar a presença firme das ideias de Dom Bosco e a prática do Sistema Preventivo.

Nesta pesquisa, quisemos analisar a concepção de educação dos professores dos anos finais do Ensino Fundamental da Educação Básica de uma escola salesiana. No sentido de contemplarmos o objetivo geral, estabelecemos os objetivos específicos: a) historicizar a educação salesiana no Brasil; b) identificar especificidades da educação salesiana; c) compreender se o pensamento de Dom Bosco está presente nas concepções de educação dos professores que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola salesiana.

Em relação aos objetivos específicos, iniciamos apresentando um histórico da chegada dos primeiros salesianos e suas incursões nas diferentes regiões do país. Especificamos a forma como ocorreu a escolha pelo Brasil, bem como a forma de organização da congregação e suas articulações com a educação escolar e a fundação dos primeiros colégios. A partir disso, apresentamos as especificidades do sistema salesiano e da pedagogia salesiana de Dom Bosco e os efeitos de sua concretização na vida das crianças, adolescentes e jovens. Em seguida, o último objetivo específico completa os elementos de análise necessários para atender o objetivo geral. Ou seja, neste momento da dissertação, mais especificamente no terceiro capítulo, apresentamos a análise das falas dos professores e professoras articuladas com os teóricos que utilizamos na nossa pesquisa, com destaque para Dom Bosco. Foi possível perceber, por meio da análise das falas dos professores, que a concepção de educação que eles apresentaram está profundamente marcada pelos ensinamentos de Dom Bosco.

Também nas suas relações pedagógicas com os estudantes, em diferentes momentos, a pedagogia salesiana estava presente. Desde a importância atribuída à forma de receber os estudantes, isto é, desde o “bom dia”, as conversas nos corredores do colégio, no pátio (durante o intervalo) a preocupação com cada um e cada uma na sua singularidade, na atenção às dificuldades na aprendizagem, no “silêncio” e/ou afastamento de algum estudante em relação ao grupo, entre outros.

O jeito salesiano de educar é a presença significativa em todos os ambientes onde se encontram as pessoas: crianças, jovens, educandos, educadores, família, funcionários, etc. Todas as pessoas que estão no ambiente devem estar comprometidos com o processo educativo. Lembrando que não é qualquer processo, mas aquele que está preocupado com a integridade, com a dignidade de todas as pessoas. Ou seja, a atuação de um educador de um colégio salesiano é viver no pátio, no recreio, na sala de aula, nas reuniões, viver a vida diária do espaço educativo. Vojtás (2022) escreve sobre a atualização da Carta de Roma de 1884 (anexo I) que, numa expressão dita por Villanueva (2020), significa “o evangelho de Dom Bosco”. Ele afirma: “Pátio de ontem e de hoje: é ali que fica de pé ou cai a pedagogia salesiana e, com ela, a missão; dali emerge um dos desafios maiores para a educação, hoje: na família, na escola, em qualquer outra instituição de educação formal, não formal, informal” (Vojtás, 2022, p. 512). Em todas as falas, estas preocupações se fizeram presentes. Isto é, havia a marca das ideias de Dom Bosco, sua primazia por uma educação que proporcionasse dignidade às pessoas. Ou seja, conforme escrevemos nas análises, passados duzentos anos, as ideias de Dom Bosco se atualizam e se revitalizam nas práticas pedagógicas dos professores.

Dom Bosco foi um educador que soube reunir os elementos propícios para a formação integral das crianças, adolescentes e jovens. Ele promoveu uma formação em que todas as dimensões da vida da pessoa devem ser consideradas. Não há nada que faça parte da vida do estudante que possa ser negligenciado. Conforme Dom Bosco dizia, todo o educador deve acessar a “corda sensível” dos estudantes. Esta preocupação se manifestou nas falas de todos os entrevistados, mostrando a presença de Dom Bosco nas ideias e ações de quem atua no colégio pesquisado.

Neste sentido, aproximamos diversas vezes o pensamento de Dom Bosco com os escritos de Paulo Freire, pois há nos dois a preocupação com uma relação respeitosa, de confiança, afetuosa entre educador e estudante. Para Freire (1996, p. 128, grifo nosso), “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário,

ao aluno, em uma fala **com ele**”, e não sobre ele, em que o autoritarismo faz com que a relação pedagógica seja de temor e se distancie de uma relação respeitosa e afetuosa.

Nesta conclusão, queremos mais uma vez ressaltar que Dom Bosco trabalhou o seu jeito de educar na prática cotidiana e os seus teóricos, estudiosos, foram sistematizando este jeito de educar. Segundo Nanni (2014 p. 13), “o Sistema Preventivo não nasceu junto a uma mesa de escritório. Não é fruto exclusivo de literatura pedagógica. Sua fonte primária é Dom Bosco, sua história, sua pessoa, sua santidade, sua paixão educativa”.

As respostas dadas por Dom Bosco aos problemas sociais, econômicos, educacionais, entre outros do seu tempo, ainda permanecem vigorosas para pensarmos em respostas para os tempos atuais. Percebemos, por meio das análises das entrevistas, que no trabalho diário dos educadores, além de serem movidos pela seriedade e responsabilidade, apresentam uma profunda esperança no ser humano. “Há uma relação entre alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e aluno juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria [...]. A esperança faz parte da natureza humana” (Freire, 1996, p. 80).

Uma educação comprometida com a esperança, está profundamente articulada com o que pensava Dom Bosco. Conforme foi amplamente discutido nesta pesquisa, Dom Bosco foi um especialista no encontro com as crianças, adolescentes e jovens.

Dom Bosco não foi um teórico da pedagogia. Como diz Nanni (2014, p. 13), ele “não teve tempo material para isso”, mas os seus principais escritos, *O Sistema Preventivo na educação da juventude*, de 1877 e a famosa *Carta de Roma* de 1884 continuam sendo “lidos com outros escritos que ele publicou para a formação religiosa dos jovens [...], contém núcleos doutrinários de notável densidade educativa” (Nanni, 2014, p. 13). Segundo Caliman (2009, p. 9), “Dom Bosco, sendo um homem eminentemente prático, não teorizou um humanismo, mas o viveu”.

Neste sentido, novamente lembramos que os educadores entrevistados traziam em suas respostas a forma de acolher os educandos, a forma de se aproximar de cada educando e um olhar atento para aquele que necessita de uma atenção maior. Uma frase de Castro (2007, p. 16) sintetiza essa prática dos educadores na perspectiva de Dom Bosco: “não há educação sem proximidade”. A familiaridade, a proximidade, a confiança, são essenciais para que a pedagogia salesiana realmente aconteça de uma forma frutuosa, humanizadora.

O educador no exercício de sua profissão tem um papel primordial no tempo de formação dos estudantes. Os estudantes, muitas vezes, passam mais tempo com seus educadores no ambiente escolar do que com sua família e eles têm a oportunidade de serem referência na vida deles.

Não basta estar fisicamente no meio dos jovens se não fizermos contato com a realidade deles. Considerar a realidade de cada estudante é imprescindível para um processo de educação humanizadora. Assim como fez Dom Bosco no seu tempo.

Nas entrevistas realizadas com os educadores, eles falam deste contato com a realidade do educando, sobretudo aquele que está cabisbaixo, que as notas não estão indo bem, que o relacionamento com os colegas está truncado. Aquela palavra que demonstra que o estudante é alguém importante: “O que está acontecendo? Está tudo bem? Deseja falar alguma coisa?” Esta forma de agir, segundo os professores entrevistados, fez e faz muita diferença no processo educativo. Em uma palavra, vai surgindo a proximidade (Castro, 2007). Para a pedagogia salesiana, sem proximidade, o tempo vivido na escola não fortalece a humanização. Em síntese, é o que destaca Castro (2007, p. 17): “a educação salesiana exige presença e proximidade”.

Isto nos remete a Vecchi (2017), quem nos lembra que a prática cotidiana do Sistema Preventivo não nos leva a agir automaticamente, pois estar atento à situação/realidade estudantil mostra que cada um e cada uma tem suas necessidades específicas. Além disso, a educação é um processo dinâmico. Segundo Vecchi (2017, p. 143), “ao educador pede-se seriedade no próprio trabalho e vigilância mental. Ele deve tomar consciência de todas as correntes que influem sobre os jovens e ajudá-los a avaliar e escolher. E isso requer paciência e amor”.

Além disso, enfatizamos mais uma vez a questão da educação humanizadora para Dom Bosco. Na reflexão de Caliman (2009), existem quatro componentes educativos no humanismo pedagógico de Dom Bosco. São eles: “a religião, a razão, o carinho e o trabalho” (Caliman, 2009, p. 11).

Vamos abordar cada um destes componentes, pois eles são fundamentais para a educação humanizadora na perspectiva de Dom Bosco. A religião no Sistema Preventivo é amável, alegre, repleta de bondade. No dizer de Nanni (2014, p. 36), “é a religião da boa nova, do Evangelho, das bem-aventuranças, de Jesus que chama de amigos e não de servos”.

Uma bela definição e com síntese sobre a razão no Sistema Preventivo vem de Rodríguez (2000). Para o autor, “ela nos remete ao diálogo persuasivo como jovem, no respeito a sua unicidade e a sua autonomia, no acompanhamento em seu crescimento e formação para a

liberdade, para a formação do seu discernimento e maturidade, de sua capacidade de solidariedade” (Rodríguez, 2000, p. 52).

O “carinho, a bondade, a *amorevollezza*” se traduz no estar presente, não para vigiar, controlar, mas para ser próximo, o que Dom Bosco falava na sua carta de Roma “familiaridade”, ou ainda, conforme presença e proximidade (Castro, 2007).

Ainda na perspectiva de uma educação humanizadora, segundo Nanni (2014, p. 22), “o Sistema Preventivo aposta todas as suas fichas no positivo, nos recursos e nas potencialidades de vida e de bem que cada um de nós possui como dote nativo, como dom recebido da vida familiar, do contexto social [...] a que pertencemos”. Este escrito de Nanni (2014) vem ao encontro de algumas falas dos entrevistados, pois se observou uma postura pedagógica incentivadora em relação aos estudantes. Todos os professores se referiam aos estudantes acreditando que eles são pessoas sensíveis e que serão profissionais preocupados com uma sociedade em que as todas as pessoas tenham vida digna.

No decorrer da nossa dissertação, vimos que “na educação não basta boa vontade” (Vecchi, 2017, p. 143), educação exige seriedade e profissionalismo. Com Freire (1996, p. 47), ressaltamos que “ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade”. Neste sentido, nossos entrevistados se mostraram preocupados com a formação permanente, compreendendo que “não basta boa vontade”. Os professores disseram que buscam formação fora do âmbito do colégio, mas que também recebem formação dentro do colégio. Além disso, também recebem incentivo do colégio para ampliar e/ou aprofundar a formação, sempre no sentido de reconhecer seu inacabamento.

Na pedagogia salesiana, o reconhecimento do inacabamento reflete-se no cotidiano das atividades educativas. Pois uma das atividades indispensáveis é estar no pátio, na hora do recreio e a cada dia ter a oportunidade da “palavrinha ao ouvido”, que dizia Dom Bosco. Seria a familiaridade de se aproximar de cada jovem e ir conhecendo, aos poucos, esta nova pessoa e que ela não fique distante, mas se torne próxima para compartilhar a vida com as outras pessoas.

O estar presente no pátio é indispensável para os educadores salesianos. Para Nanni (2014, p. 72), “trata-se de uma presença capaz de aproveitar, com sabedoria e tato educativo, todas as oportunidades que se oferecem, também para intervenções intencionalmente educativas (como sugere a tradição de Dom Bosco da ‘palavrinha ao pé do ouvido’ [‘una parolina all’orecchio’]”.

Dom Bosco queria que cada um que entrasse na casa salesiana realmente se sentisse em casa, como se tivesse com sua família, com pessoas que amam e lhe querem bem. Nas entrevistas os educadores falando do colégio, eles vivem e sentem este clima de família, realmente sentem estar em casa.

Nesta dissertação, tivemos a oportunidade de vivenciar mais de perto a prática pedagógica não só na literatura salesiana, mas nos relatos dos educadores. Isto nos possibilitou compreender que a educação salesiana continua atual em vários contextos. A acolhida, a música, o teatro, a educação religiosa, o ensino, o esporte, a festa, a alegria, o trabalho, a amizade, a bondade, o amor, são elementos indispensáveis para a prática da pedagogia salesiana. Em diferentes momentos, percebemos estes elementos nas falas dos professores. Ou seja, Dom Bosco continua presente.

Para Nanni (2014, p. 95), “em relação ao tempo, ao mundo e às perspectivas do futuro, tal como se apresenta no horizonte do nosso momento histórico, parece-me sempre mais forte a ideia de que a esperança deve ser a atitude fundamental de quem compartilha o espírito salesiano e quer educar segundo o sistema preventivo”.

A educação salesiana é movida pela esperança, pelo otimismo, pela alegria de viver, de ensinar, de compartilhar, entre outros. Podemos afirmar que, no contexto atual, os elementos mencionados são imprescindíveis para as nossas crianças, adolescentes e jovens, sobretudo na construção de uma educação humanizadora e significante para todos.

REFERÊNCIAS

- ALBERA, Paolo. **Lettere circolari ai salesiani**. Torino: SEI, 1922, p. 340-342.
- ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a.
- ARROYO, Miguel. **Curriculum, Território em Disputa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011b.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**: imagens e autoimagens. 15 edição: Editora Vozes, 2013.
- ARROYO. Miguel G. O humano é viável? É educável? **Revista Pedagógica**, v. 17, n. 35, maio/ago. 2015.
- AZZI, Riolando. **A obra de Dom Bosco no Brasil**: cem anos de história. V. 1: a implantação da obra salesiana 1883-1908. Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, Barbacena: 2000.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, Jan-Abr, 2002.
- BOSCO, Dom. **Carta de Roma**. Turim, 1884.
- BOSCO, Giovanni. **O sistema preventivo**. Roma, 1877.
- BOSCO, São João Bosco. **Memórias do oratório de São Francisco de Sales**. 1815-1855. Brasília: Edebê, 2018.
- BRAIDO, Pietro. **Prevenir, não reprimir**: o sistema educativo de Dom Bosco. Tradução de Jacy Cogo. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.
- BRAIDO, Pietro. **Dom Bosco**: Padre dos jovens no século da liberdade. V. 1 e 2. São Paulo: Editora Salesiana, 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CALIMAN, Geraldo. O humanismo pedagógico de Dom Bosco nas Instituições Universitárias Salesianas. **Revista Dialogos**, Brasília, 2009.

CASTRO, Afonso. **Carisma para educar e conquistar**: espiritualidade, alegria e prazer na educação salesiana. São Paulo: Editora Salesiana, 2002.

CASTRO, Afonso. **Releitura do sistema preventivo na sociedade pós-moderna**. 2. ed. Campo Grande: UCDB Editora, 2006.

CAVIGLIA, Alberto. **Conferenze sullo spirito salesiano**. Turim: Centro Mariano Salesiano, 1985.

CERIA, Eugénio. **Dom Bosco com Deus**. Edição da Província Salesiana Portuguesa. Lisboa: 1962.

CORALLO, Gino. **Il método educativo salesiano**. L'eredità di Don Bosco. Catânia: Tipografia Scuola Salesiana del Libro, 1979.

COSTA, Marcelo Augusto. **Um diálogo entre Paulo Freire e Dom Bosco**: as contribuições para o processo formativo dos professores. 2021. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2021.

DIAS, Karoline Silva; GONTIJO, Simone Braz Ferreira; MATIAS, Juliana Parente. Acolhimento e pertencimento estudantil no ensino médio integrado. **Revista Nova Paideia-Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**, v. 4, Edição 1, p. 1-13, 2022.

DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses**: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Campinas: Unicamp, 1995.

FERREIRA, Antonio da Silva. **Não basta amar...** a pedagogia de Dom Bosco em seus escritos. Brasília: Editora Dom Bosco, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ama ensinar. São Paulo: Olho D' água, 1993a.

FREIRE, P. Paulo Freire: nós podemos reinventar o mundo. Entrevista cedida a Moacir Gadotti. **Nova Escola**, São Paulo, v. 8, n. 71, p. 8-13, nov. 1993b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1998.

KOHLS-SANTOS, Pricila, MOROSINI, Marilia Costa. O revisitado da metodologia do Estado do Conhecimento para além de uma revisão bibliográfica. **Revista Panorâmica**, n. 33, p. 123-145, 2021.

MARCIGAGLIA, Luís. **Os salesianos no Brasil**. São Paulo: Livraria Editora Salesiana, 1955.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul. dez. 2014.

NANNI, Carlo. **O sistema preventivo de Dom Bosco hoje**. Brasília: Rede Salesiana de Escolas, 2014.

NERY, Vanessa Cristina Girotto; BARBOSA, Ana Maria da Silva. A humanização Freiriana: processos de formação docente nos documentos que orientam os currículos dos cursos de Pedagogia. **Praxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 16, p. 1-21, 2021.

PASSOS JÚNIOR, Dilson. **O ensino superior no Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL**: discutindo sua identidade salesiana. 345 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), Piracicaba, 2011.

RADICE, Giuseppe Lombardo. Clericali e massoni di fronte al problema della scuola, **La Voce**, 1920, p. 62-64, I appendice.

RODRÍGUEZ, Jaime. **O projeto educativo de Dom Bosco**. Bogotá: Editorial Centro Don Bosco, 2000.

RUA, Don. **Lettere circolari di Don Rua**. Roma: Editora Salesiana, 1894.

RUBIO, David Sánchez. Paulo Freire, tomada de consciência e dignidade humana: a luta e o gozo dos direitos humanos desde o instituinte. **Insurgência: Revista de Direitos e Movimentos Sociais**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 77-96, 2022.

SANDRINI, Marcos. **Razões para viver e para sonhar**. Brasília: Edebê, 2018a.

SANDRINI, Marcos. **Dom Bosco**: presente de Deus para as juventudes – terra santa e lugar teológico. Paulus, 2018b.

SOARES, Silvana. **Aspectos ontológicos e antropológicos da amorevollezza na educação salesiana**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2018.

SOFFNER, Renato Kraide; SANDRINI, Marcos. A pedagogia e a práxis educativa de Dom Bosco. **Revista de Ciência da Educação**, Americana, número 26, 166-184. 1º. semestre, 2012.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Editora, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VECCHI, Juan Edmundo. **Espiritualidade Salesiana**: temas fundamentais. Brasília: Editora Edebê Brasil Ltda, 2017.

VERDI, Douglas. **Pedagogia salesiana e currículo humanizador**: o “bom dia” como prática pedagógica e vivência de valores. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022.

VIGANÒ, Egídio. **Atos do Capítulo Geral**, n. 352. Roma, 1995.

VILLANUEVA, Paschoal Chàvez. **Eduquemos com o coração de Dom Bosco**. Roma: Edebê, 2007.

VILLANUEVA, Paschoal Chàvez. **Eduquemos com o coração de Dom Bosco**. Brasília: Edebê, 2008.

VILLANUEVA, Paschual Chávez. **Carta de identidade carismática da família salesiana de Dom Bosco**. Brasília: Dom Bosco, 2012.

VILLANUEVA, Paschual Chávez. **Carta de Roma de 1884**: o Evangelho de Dom Bosco. 26 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.sdb.org/pt/CG28/Documenti/Omelie_Discorsi/Carta_de_Roma_de_1884__O_Evangelho_de_Dom_Bosco. Acesso em: 5 set. 2024.

VOJTÁS, Michal. **Pedagogia salesiana depois de Dom Bosco**. Brasília: Edebê Brasil, 2022.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Vorraber, SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Educação**, v. 38, n. 1, p. 32-48, jan.-abr. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁴

1 TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA

Educação Salesiana no Contexto Atual

2 PESQUISADOR(A)

Nome:

CPF

Endereço:

3 OBJETIVOS DA PESQUISA

Analisar a concepção de educação dos professores dos anos finais do Ensino Fundamental da Educação Básica de uma escola salesiana.

4 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA (SÍNTESE)

A escolha do tema de pesquisa se justifica pela relação que o mesmo tem com a minha experiência como educador e gestor em instituições salesianas. Ciente da complexidade do processo educativo no contexto contemporâneo, considero imprescindível compreender de que forma o pensamento de Dom Bosco se atualiza na prática educativa dos professores que atuam em uma instituição salesiana.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

⁴ O modelo do TCLE é de responsabilidade do pesquisador e seu conteúdo deve responder a dois critérios fundamentais: assegurar ao pesquisador a autonomia para publicação dos resultados alcançados pela pesquisa e assegurar aos sujeitos que serão submetidos à pesquisa o direito de se manifestar e apoiar ou não o que estiver sendo apresentado na posposta.

Para a realização da pesquisa, utilizaremos a abordagem qualitativa que oferece condições para que os dados coletados sejam analisados de forma aprofundada e que possibilita compreender a complexidade do contexto em que os dados serão coletados. Como instrumento de coleta de dados, será utilizada a entrevista semiestrutura que possibilita flexibilidade durante o processo da pesquisa de campo. Os critérios de escolha dos sujeitos da pesquisa são: a) Que inclua professores que atuam em uma escola Salesiana; b) Que inclua professores de diferentes áreas de conhecimento; c) Que inclua professores dos diferentes anos finais do Ensino Fundamental.

6 POSSÍVEIS DESCONFORTOS E RISCOS

Os riscos são mínimos, se ocorrer qualquer desconforto o participante pode abandonar a pesquisa a qualquer momento.

7 POSSÍVEIS BENEFÍCIOS ESPERADOS

As contribuições da pesquisa será possibilitar aos docentes um processo de reflexão sobre o processo educativo com base nos princípios de Dom Bosco. Além disso, com base nos dados coletados, será possível conhecer e analisar as concepções sobre educação dos professores e de que forma o pensamento de Dom Bosco se faz presente nelas.

Considerando as informações constantes dos itens acima, consinto, de modo livre e esclarecido, participar da presente pesquisa na condição de participante da pesquisa e/ou responsável por participante da pesquisa, sabendo que:

- 1 A participação em todos os momentos e fases da pesquisa é voluntária e não implica quaisquer tipos de despesa e/ou ressarcimento financeiro. Em havendo despesas operacionais, estas deverão estar previstas no Cronograma de Desembolso Financeiro e em nenhuma hipótese poderão recair sobre o sujeito da pesquisa e/ou seu responsável;
- 2 É garantida a liberdade de retirada do consentimento e da participação no respectivo estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa;
- 3 É garantido o anonimato⁵;

⁵ Nos casos em que se fizer necessário o uso da voz ou da imagem (incluindo foto) do participante deve-se elaborar documento à parte, concedendo tal autorização.

- 4 Os dados coletados só serão utilizados para a pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em livros, ensaios e/ou artigos científicos em revistas especializadas e/ou em eventos científicos;
- 5 A pesquisa aqui proposta foi aprovada pelo **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)**, da **Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)**, que a referenda e
- 6 O presente termo está assinado em duas vias.

Campo Grande MS, _____ / _____ / _____

1) _____

Nome e assinatura do (a)

() Sujeito da pesquisa

() Responsável pelo participante

Meio de contato: _____

2) _____

Nome e assinatura do (a) pesquisador (a)

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Universidade Católica Dom Bosco – UCDB

Avenida Tamandaré, 6000

Jardim Seminário

Campo Grande MS

CEP 79117-900

(e-mail cep@ucdb.br; telefone para contato (67) 3312-3478)

APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados de identificação do/da entrevistado/a

Formação:

Ano de formação:

Tempo de magistério:

Níveis ou turma que trabalha:

Ano que trabalha atualmente:

Disciplina que trabalha:

Idade:

Questões:

Educação e Salesianidade

1. De que forma se deu a escolha em trabalhar nesta escola?
2. Esta escola tem diferença em relação as outras que você já frequentou e/ou trabalhou?
Quais?
3. Você considera as especificidades desta escola importantes? Quais e por quê?
4. A escola oferece cursos de formação continuada para os seus professores? Quais você participou?

Contribuições da Salesianidade

5. De que forma você percebe o pensamento de Dom Bosco nesta escola?
6. Você utiliza as ideias de Dom Bosco no processo educativo dos seus estudantes? Quais?

Sobre educação

7. O que significa ser professor/professora para você? Ser professor/professora em uma instituição salesiana?
8. O que significa educar?
9. Você incorpora os princípios da pedagogia de Dom Bosco em sua prática educativa? De que forma?

ANEXO

ANEXO 1 – CARTA DE ROMA

Meus caríssimos filhos em Jesus Cristo,

Perto ou longe, eu penso sempre em vós. Meu único desejo é ver-vos felizes no tempo e na eternidade. Esse pensamento e esse desejo é que me levaram a escrever-vos esta carta. Sinto, meu caros, o peso do afastamento, e o fato de não vos ver nem ouvir me aflige como não podeis imaginar. Desejaria por isso escrever-vos estas linhas há uma semana, mas as contínuas ocupações me impediram. Todavia, embora faltem poucos dias para minha volta, quero antecipar minha chegada ao menos por carta, já que não posso fazê-lo pessoalmente. São palavras de quem vos ama carinhosamente em Jesus Cristo e tem obrigação de falar-vos com a liberdade de um pai. Haveis de permiti-lo, não é verdade? E me prestareis atenção e poreis em prática o que vou dizer-vos.

Afirmei que sois o único e contínuo pensamento de minha mente. Ora, numa das noites passadas, havia-me recolhido ao quarto, e, enquanto me dispunha a repousar, tinha começado a rezar as orações que minha boa mãe me ensinou. Nesse momento, não sei bem se dominado pelo sono ou fora de mim por uma distração, pareceu-me ver dois antigos jovens do Oratório virem ao meu encontro.

Um deles aproximou-se e saudando-me afetuosamente me disse:

Dom Bosco, não me conheces?

Se te conheço – respondi.

E lembra-se ainda de mim? Acresentou o homem.

De ti e de todos os outros. És Valfrè e estavas no Oratório antes de 1870.

Diga – continuou Valfrè, quer ver os jovens que estavam no Oratório no meu tempo?

Sim, mostra-me – respondi, isso vai dar-me grande prazer.

Então Valfrè mostrou-me todos os jovens com o mesmo semblante, estatura e idade daquele tempo. Parecia-me estar no antigo Oratório na hora do recreio. Era uma cena cheia de vida, movimento, alegria. Quem corria, quem pulava, quem fazia pular. Aqui brincava-se de rã, de barra ou com bola. Num lugar uma roda de jovens pendia dos lábios de um padre, que lhes contava uma história. Noutro, um clérigo no meio de outros meninos brincava de burro voa e de jerônimo. Cantava-se, ria-se por todos os cantos e em toda parte encontravam-se padres e clérigos, e ao redor deles jovens brincando e gritando alegremente. Via-se que entre jovens e

superiores reinava a maior cordialidade e confiança. Eu estava encantado com o espetáculo. Valfrè me disse então:

Veja, a familiaridade gera o afeto e o afeto produz confiança. Isso é que abre os corações, e os jovens manifestam tudo sem temor aos mestres, assistentes e superiores. Tornam-se sinceros na confissão e fora da confissão e se prestam docilmente a tudo o que porventura lhes mandar aquele de quem têm certeza de serem amados.

Nesse instante aproximou-se de mim o outro aluno, de barba toda branca, e me disse:

Dom Bosco, quer conhecer e ver agora os jovens que atualmente estão no Oratório? (Era José Buzzetti).

Sim, respondi; porque há um mês que não os vejo!

E apontou-os para mim: vi o Oratório e todos vós no recreio. Mas já não ouvia gritos de alegria e cantos, não via o movimento e a vida da cena anterior.

Nos modos e nos rostos de muitos jovens lia-se enfado, cansaço, mau-humor, desconfiança que me fazia sofrer o coração. Vi, é verdade, muitos a correr, brincar, agitar-se com feliz despreocupação, mas muitos outros estavam sós, encostados às colunas, dominados por pensamentos desalentadores; encontravam-se outros pelas escadas e nos corredores ou na sacada perto do jardim para evitar o recreio comum; outros passeavam lentamente em grupos falando em voz baixa, lançando ao derredor olhares desconfiados e maliciosos. Sorriam de vez em quando, mas com um sorriso acompanhado de olhares que faziam suspeitar e até mesmo acreditar que São Luís haveria de corar se andasse em tal companhia; mesmo entre os que brincavam, alguns havia tão enfarados, que mostravam claramente não achar nenhum gosto nos divertimentos.

Viu seus jovens? Perguntou-me o ex-aluno.

Vejo-os, respondi suspirando.

Como são diferentes do que éramos nós em nosso tempo! Exclamou o ex-aluno.

É pena! Quanta falta de vontade nesse recreio!

De aí é que vem a frieza de tantos meninos na frequência dos santos Sacramentos, o desleixo das práticas de piedade na Igreja e fora; o estar de má vontade num lugar onde a Divina Providência os cumula de todo bem para o corpo, para a alma, para a inteligência. De aí a ingratidão para com os superiores; de aí os segredinhos e as murmurações, com todas as demais deploráveis consequências.

Compreendo, entendo, respondi. Mas como reanimar estes meus caros jovens, para que retomem a antiga vivacidade, alegria, expansão?

Com o amor!

Com o amor? Mas os meus jovens não são bastante amados? Sabes quanto os amo. Sabes quanto por eles sofri e tolerei no decorrer de bem quarenta anos, e quanto suporto e sofro mesmo agora. Quantas privações, quantas humilhações, quantas oposições, quantas perseguições para dar-lhes pão, casa, professores e especialmente para garantir-lhes a salvação da alma. Fiz tudo quanto soube e pude por eles, que são o amor de toda a minha vida.

Não falo do senhor!

De quem então? Dos que me fazem as vezes? Dos diretores, prefeitos, professores, assistentes? Não vês como são mártires do estudo e do trabalho? Como consomem sua juventude por aqueles que a Divina Providência lhes confiou?

Vejo, sei perfeitamente; mas isso não basta. Falta o melhor.

Que é que falta, então?

Que os jovens não somente sejam amados, mas que eles próprios saibam que são amados.

Mas, afinal, não têm olhos? Não têm a luz da inteligência? Não vêem que tudo o que por eles se faz é por amor deles?

Não, repito, isso não basta.

Que é preciso, então?

Que sendo amados nas coisas que lhes agradam, com participar em suas inclinações infantis, aprendam a ver o amor nas coisas que naturalmente pouco lhes agradam, como a disciplina, o estudo, a mortificação de si mesmos; e aprendam a fazer essas coisas com entusiasmo e amor.

Explica-te melhor.

Observe os jovens no recreio.

Observei e respondi: e que há de especial para ver?

Há já tantos anos que vive a educar os jovens e não entende? Olhe melhor! Onde estão os nossos salesianos?

Observei e vi que bem poucos padres e clérigos se misturavam com os jovens e bem menos ainda eram os que tomavam parte em seus divertimentos. Os superiores já não eram a lama do recreio. A maior parte deles passeava conversando entre si, sem ligar ao que faziam os

alunos; outros olhavam o recreio sem se preocuparem absolutamente com os jovens; outros vigiavam, mas tão de longe que não poderiam perceber se os jovens cometiam alguma falta; um ou outro avisava mas em atitude ameaçadora e bem de raro. Ainda havia um ou outro salesiano que gostaria de intrometer-se no meio dos jovens; vi, porém, que estes procuravam propositalmente afastar-se dos professores e superiores.

Então meu amigo continuou: nos velhos tempos do Oratório o senhor não estava sempre no meio dos jovens, especialmente na hora do recreio? Lembra aqueles belos anos? Era um santo alvoroço, um tempo que lembramos sempre com saudade, porque o afeto é que nos servia de regra, e nós não tínhamos segredos para o senhor.

Certamente. Tudo então era alegria para mim. Os jovens corriam ao meu encontro, para falar-me; ansiavam por ouvir meus conselhos e pô-los em prática. Vês, porém, que agora as contínuas audiências, os muitos afazeres e minha saúde não o permitem.

Está bem: mas se o senhor não pode, por que seus salesianos não o imitam? Por que não insiste, não exige que tratem os jovens como o senhor os tratava?

Eu falo, cango-me de falar, entretanto muitos não sentem dispostos a enfrentar os trabalhos como outrora.

E então descuidando o menos, perdem mais, e esse “mais” são seus trabalhos. Amem o que agrada aos jovens e os jovens amarão o que os superiores agrada. E assim ser-lhes-á-fácil o trabalho. A causa da mudança atual no Oratório é que bom número de jovens não tem confiança nos superiores. Antigamente os corações estavam todos abertos aos superiores, a quem os jovens amavam e obedeciam prontamente. Mas agora os superiores são considerados como superiores e não como pais, irmãos e amigos; são, pois, temidos e pouco amados. Por isso, se se quiser formar um só coração e uma só alma, é preciso que por amor de Jesus se rompa a barreira fatal da desconfiança e se lhe substitua uma confiança cordial. Guie, pois, a obediência o aluno como a mãe guia o filhinho; reinará então no Oratório a paz e a antiga alegria.

Como fazer então para romper a barreira?

Familiaridade com os jovens especialmente no recreio. Sem familiaridade não se demonstra afeto e essa demonstração não pode haver confiança. Quem quer ser amado deve demonstrar que ama. Jesus Cristo fez-se pequeno com os pequenos e carregou as nossas fraquezas. Aí está o mestre da familiaridade! O professor visto apenas na cátedra é professor e nada mais, mas se está no recreio com os jovens torna-se irmão.

Se alguém é visto somente no púlpito, dir-se-á que está fazendo apenas o próprio dever; mas se diz uma palavra no recreio, é palavra de alguém que ama. Quantas conversões não provocaram algumas palavras suas ditas ocasionalmente aos ouvidos de um jovem enquanto brincava. Quem sabe que é amado, ama; e quem é amado alcança tudo, especialmente dos jovens. A confiança estabelece uma corrente elétrica entre jovens e superiores. Os corações se abrem e dão a conhecer suas necessidades e manifestam seus defeitos. Esse amor faz os superiores suportarem canseiras, aborrecimentos, ingratidões, desordens, faltas e negligências dos meninos. Jesus Cristo não quebrou a cana já partida, nem apagou a mecha que fumega. Eis o vosso modelo. Então não se verá ninguém mais trabalhar por vangloria; punir somente para satisfazer o amor próprio ofendido, retirar-se do campo da vigilância tão-somente por ciúme de temida preponderância alheia; murmurar dos outros querendo ser amado e estimado pelos jovens, com exclusão de todos os demais superiores, ganhando nada mais que desprezo e falsas manifestações de carinho; deixar-se roubar o coração por uma criatura e, para fazer-lhe corte, descuidar todos os outros meninos; por amor da própria comodidade julgar de somenos importância o dever importantíssimo da vigilância; por vão respeito humano deixar de advertir quem deve ser advertido. Se houver esse verdadeiro amor, não se haverá de procurar senão a glória de Deus e a salvação das almas. Se vier a definhar, então é que as coisas já não vão bem. Por que se quer substituir à caridez a frieza de um regulamento? Por que se afastam os superiores da maneira de educar que Dom Bosco ensinou? Por que ao sistema de prevenir com a vigilância e a amorosamente as desordens, se vai substituindo ao cômodo para quem manda, de impor leis que se mantêm com castigos, acendem ódios e geram desgostos, e se não se cuida de as fazer observar, geram desprezo aos superiores e causam gravíssimas desordens?

É o que acontece necessariamente se faltar a familiaridade. Se se quiser, pois, que o Oratório volte à antiga felicidade, reponha-se em vigor o antigo sistema: o superior seja tudo para todos, sempre disposto a ouvir qualquer dúvida ou queixa dos jovens, todo olhos para vigiar paternalmente a conduta, todo coração para procurar o bem espiritual e temporal dos que a Providência lhe confiou.

Então, já não haverá corações fechados e não se alastrarão mais certos segredinhos que acabam matando. Somente em caso de imoralidade os superiores sejam inexoráveis. É melhor correr perigo de expulsar de casa um inocente, que conservar um escandaloso. Os assistentes considerem gravíssimo dever de consciência relatar aos superiores tudo o que souberem ser de algum modo ofensa de Deus.

Então indaguei: qual é o meio mais indicado para que reine essa familiaridade, esse amor e confiança?

A observância exata das Regras de casa. E nada mais? O melhor prato de um jantar é o bom humor.

Enquanto meu antigo aluno acabava de falar e eu continuava a observar com vivo desprazer o recreio, pouco a pouco senti-me abatido por grande canseira, que ia crescendo cada vez mais. E chegou a tal ponto que não podendo mais resistir, estremeci e acordei.

Encontrei-me de pé junto à cama. As pernas estavam tão inchadas e me doíam tanto que não podia ficar de pé. A hora já ia muito adiantada, de modo que me deitei resolvido a escrever estas linhas a meus filhos.

Desejo não ter sonhos assim, porque me cansam demais. No dia seguinte sentia-me todo moído e não via a hora de descansar na próxima noite. Eis, porém, que, apenas me deitei, o sonho recomeçou. Reaparecem o pátio, os jovens que atualmente estão no Oratório e o mesmo aluno do Oratório. Comecei a interrogá-lo: comunicarei aos salesianos o que me disseste; mas que devo dizer aos jovens do Oratório? Respondeu-me:

Que reconheçam quanto os superiores, mestres e assistentes trabalham e estudam por amor deles, pois, se não fosse pelo bem deles não haviam de sujeitar-se a tantos sacrifícios; que se lembrem ser a humildade a fonte de toda tranquilidade; que saibam suportar os defeitos dos outros, porque a perfeição não é deste mundo, mas somente do paraíso; que deixem de murmurar, porque as murmurações esfriam os corações; e sobretudo que procurem viver na santa graça de Deus. Quem não tem paz com Deus, não tem paz nem consigo nem com o outro.

Queres dizer então que há entre meus jovens alguns que não estão em paz com Deus?

Entre as causas do mal-estar que Dom Bosco conhece, e não vou recordar agora, e às quais deve pôr remédio, está é a principal. Com efeito, não desconfia senão quem tem segredos a guardar, senão quem teme que tais segredos venham a ser conhecidos, porque sabe que isso lhes traria vergonha e desgraça. Ao mesmo tempo se o coração não está em paz com Deus, fica angustiado, irrequieto, rebelde à obediência, irrita-se por uma nonada, parece-lhe que tudo vai mal, e por não ter amor, julga que os superiores não o amam.

Entretanto, meu caro, não vês quanta frequência de confissões e comunhões há no Oratório?

É verdade que é grande a frequência das confissões, mas o que falta radicalmente em muitos meninos que se confessam é a firmeza nos propósitos. Confessam-se, mas sempre das

mesmas faltas, das mesmas ocasiões, dos mesmos maus hábitos, das mesmas desobediências, das mesmas transgressões dos deveres. E vai-se para a frente meses e meses, e também por vários anos, e alguns chegam assim até o fim do curso secundário. São confissões que pouco ou nada valem; consequentemente não trazem a paz. Se o menino fosse chamado nesse estado ao tribunal de Deus, que desgraça não seria.

É há muitos assim no Oratório?

Poucos, em comparação com o grande número de jovens que se encontram na casa. Veja. E apontava.

Olhei e vi os tais jovens um por um. Nesses poucos, porém, vi coisas que me amarguravam profundamente o coração. Não quero pô-las no papel, mas quando voltar quero contar a cada um dos interessados. Aqui apenas vos direi que é tempo de rezar e de tomar firmes resoluções: tomar propósitos não com palavras, mas com fatos, e demonstrar que os Comolos, os Domingos Sávios, os Besuccos e os Saccardis ainda vivem entre nós.

Perguntei por fim ao meu amigo: não tens mais nada a dizer-me?

Pregue a todos, grandes e pequenos, que se lembrem sempre de Maria Santíssima Auxiliadora. Que ela os reuniu aqui para tirá-los dos perigos do mundo, para que se amassem como irmãos, e para que dessem a glória a Deus e a ela, com o bom procedimento; que é Nossa Senhora que lhes providencia pão e meios para estudar mediante graças e tormentos. Lembrem-se de que estão na vigília da festa de sua Mãe Santíssima, e com sua ajuda deve cair a barreira da desconfiança que o demônio soube erguer entre os jovens e superiores, e da qual se aproveita para ruína de certas almas.

E conseguiremos destruir essa barreira?

Sim, certamente, contanto que grandes e pequenos estejam dispostos a sofrer alguma pequena mortificação por amor de Maria e ponham em prática o que eu disse.

Entrementes, eu continuava a olhar meus jovezinhos, ante o espetáculo dos que via encaminhar-se para a eterna perdição senti tamanho aperto no coração que acordei. Muitas coisas importantíssimas que eu via gostaria de contar-vos, mas o tempo e as conveniências não permitem.

Vou concluir. Sabeis o que deseja de vós este pobre velho, que gastou toda a vida por seus caros jovens? Nada mais do que, feitas as devidas proporções, retornem os dias felizes do Oratório primitivo. Os dias do afeto e da confiança cristã entre os jovens e superiores; os dias do espírito de condescendência e tolerância por amor de Jesus Cristo de uns para com os outros;

os dias dos corações abertos com toda simplicidade e candura; os dias da caridade e da verdadeira alegria para todos. Tenho a necessidade de que me consoleis, dando-me a esperança e a promessa de que fareis tudo o que desejo para o bem de vossas almas. Não conhecéis suficientemente que felicidade é a vossa de haverdes sido recebidos no Oratório. Diante de Deus declaro: basta que um jovem entre numa casa salesiana, para que a Virgem Santíssima o tome imediatamente debaixo de sua especial proteção. Ponhamo-nos, pois, todos de acordo. A caridade dos que mandam, a caridade dos que devem obedecer faça reinar entre nós o espírito de São Francisco de Sales. Ó meus caros filhinhos, aproxima-se o tempo em que me deveis separar de vós e partir para a minha eternidade. (Nota do secretário: neste ponto, Dom Bosco suspendeu o ditado: os olhos se lhe encheram de lágrimas, não por desgosto, mas por inefável ternura que ressumava de seu olhar e do tom de sua voz; depois de alguns instantes continuou). Desejo, portanto, deixar-vos a todos, padres, clérigos, jovens caríssimos, no caminho do Senhor, em que Ele próprio vos deseja.

Para tal fim, o Santo Padre, que vi sexta feira, 9 de maio, vos manda de todo coração sua bênção. No dia da festa de Nossa Senhora Auxiliadora estarei convosco ante a imagem de nossa amorosíssima Mãe. Quero que essa grande festa se celebre com toda a solenidade, e o Pe. Lazzero e o Pe. Marchisio providenciem para que estejamos todos alegres também no refeitório. A festa de Maria Auxiliadora deve ser o prelúdio da festa eterna que deveremos celebrar um dia, todos juntos, no paraíso.

Vosso afetuosoíssimo amigo em Jesus Cristo
Sac. João Bosco